



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE**

MARTHA TEREZA SANTOS SILVA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO BANDIDO “JULIANO VP” EM *ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA, DE CACO BARCELLOS*

CATALÃO/GO
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

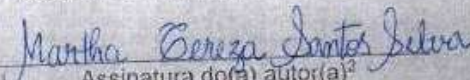
Nome completo do autor: Martha Tereza Santos Silva

Título do trabalho: A constituição do sujeito bandido "Juliano VP" em Abusado: o dono do morro Dona Marta de Caco Barcellos.

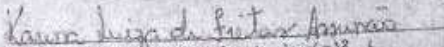
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, toma-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 11 / 12 / 11

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto a coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro,
- Publicação da dissertação/tese em livro

² A assinatura deve ser escaneada.

MARTHA TEREZA SANTOS SILVA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO BANDIDO “JULIANO VP” EM *ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA, DE CACO BARCELLOS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado – da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de pesquisa: Texto e Discurso.

Orientadora: Karina Luiza de Freitas Assunção

CATALÃO/GO

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos Silva, Martha Tereza
A constituição do sujeito bandido Juliano VP em Abusado
[manuscrito] : O dono do morro Dona Marta, de Caco Barcellos /
Martha Tereza Santos Silva. - 2019.
LXXVIII, 78 f.

Orientador: Prof. Dr. Karina Luiza de Freitas Assunção.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2019.
Bibliografia.

1. Discurso. 2. Sujeito. 3. Memória Discursiva. 4. Relação de Poder.
5. Abusado: o dono do morro Dona Marta. I. de Freitas Assunção,
Karina Luiza, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – Mestrado e Doutorado EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 001/2019

Às 11:30 horas do dia dezessete de setembro de dois mil e dezenove, no Laboratório Ladffon, bloco E, Sala 01, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem - Mestrado e Doutorado, composta pelos docentes: Profa. Dra. Karina Luiza de Freitas Assunção – [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, da Universidade Estadual de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Thyago Madeira França, da Universidade Estadual de Goiás - Campus Morrinhos; para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada "A constituição do sujeito bandido "Juliano VP" em Abusado: o dono do morro Dona Marta, de Caco Barcellos", de autoria da mestranda Martha Tereza Santos Silva, matrícula 2017101108. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra a mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o candidato: aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo discente. Regional Catalão, UFG, aos dezessete dias do mês de setembro de dois mil e dezenove. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Observações (se for o caso):

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Thyago Madeira França, Usuário Externo**, em 17/09/2019, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karina Luiza de Freitas Assunção, Usuário Externo**, em 17/09/2019, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 17/09/2019, às 13:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARTHA TEREZA SANTOS SILVA, Discente**, em 17/09/2019, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0893311** e o código CRC **9FFA33A7**.

Referência: Processo nº 23070.033993/2019-96

SEI nº 0893311

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO BANDIDO “JULIANO VP” EM *ABUSADO: O DONO DO MORRO DONA MARTA*, DE CACO BARCELLOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado – da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Martha Tereza Santos Silva

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Karina Luiza de Freitas Assunção
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
(Presidente)

Professor Dr. Antônio Fernandes Júnior
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
(Membro interno)

Professor Dr. Thyago Madeira França
UEG – Campus Morrinhos
(Membro externo)

Catalão – GO, ____ de _____ de 2019

*Aos meus pais, Antônio Edvaldo e Maria
Aparecida. Exemplos de amor, força e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me permitir chegar até aqui, me dando força para superar os obstáculos que surgiram pelo caminho.

Aos meus pais Antônio Edvaldo e Maria Aparecida, meu porto seguro, pelos quais tenho imensa admiração e, acima de tudo, muita gratidão. Sou extremamente grata pelos conselhos, pelo apoio, principalmente ao que se refere à minha formação acadêmica, pelas horas de sono perdidas, enfim, é infindável o meu agradecimento por tudo o que representam para mim.

À minha irmã Maria Tereza, pelo carinho, companheirismo, por sempre me incentivar e acreditar em mim.

Ao meu marido Carlos, que mesmo não tendo acompanhado o processo de pesquisa desde o começo, teve a sensibilidade de compreender o quão árdua é essa tarefa. Obrigada pelos conselhos e incentivo.

Ao meu filho Vinícius, bem mais precioso e a razão pela qual busco ser melhor.

Ao meu cunhado Gabriel, pelas vezes que se dispôs a me acompanhar nas viagens até Catalão.

À minha tia Ana Célia, pelo carinho e incentivo aos estudos desde as séries iniciais.

À minha querida madrinha Alzira, pelos preciosos conselhos e pelo carinho de sempre.

À minha orientadora, Karina, pela confiança depositada em mim no mestrado, pelas conversas, pelas orientações e esclarecimentos acerca dos textos de Foucault. Enfim, por todo o apoio durante essa caminhada. Muito obrigada!

Ao professor Thyago Madeira, que prontamente me ajudou quando decidi participar do processo seletivo para o mestrado, e que antes, como meu orientador na graduação,

compartilhou comigo o seu saber acadêmico. Agora, é uma honra tê-lo na banca de defesa de dissertação.

Ao professor Antônio Fernandes Júnior, pelas contribuições na banca de defesa de dissertação e, antes disso, juntamente com o professor João Paulo Ayub da Fonseca, a quem estendo os meus agradecimentos, pelas enriquecedoras discussões feitas acerca dos textos de Foucault na disciplina Seminário em Análise do Discurso: cartografias do sujeito em Michel Foucault.

À minha amiga, Elisama, que desde a graduação se mostrou muito generosa, sempre disposta a ajudar no que fosse necessário. Companheira de muitas conversas, risos e momentos não tão felizes. Agora no mestrado, mesmo que em outro programa, nunca deixou de compartilhar as suas experiências e aprendizados, além disso, foi a principal incentivadora para que eu ingressasse na pós-graduação. Muito obrigada por tudo!

Às amigas, Sarah e Bianca, pela parceria e generosidade, pois estavam sempre dispostas a ajudar e compartilhar comigo as suas experiências acadêmicas.

A todos os professores do Mestrado e ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas.

(FOUCAULT)

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só se retornam pelo efeito de múltiplos acasos.

(FOUCAULT)

Quero passar a todos os jovens – do movimento ou não – a ideia de justiça social. Como sou nascido e criado no morro e ajudo os mais necessitados, acabo reconhecido pelo meu trabalho. Eu gosto de guerrear, mas quando é necessário. Se for preciso, não posso pensar duas vezes.

(JULIANO VP)

RESUMO

Ao considerarmos as inúmeras possibilidades de pesquisas e abordagens na área dos Estudos da Linguagem, nos apoiamos na Análise do Discurso francesa, mais precisamente nas conjecturas de Michel Foucault, que não era analista do discurso, mas apresenta discussões sobre o poder, sujeito, verdade e discurso, que serão fundamentais para analisarmos a constituição do sujeito bandido no livro-reportagem do jornalista Caco Barcellos, *Abusado: o dono do Morro Dona Marta* (2004). *Abusado* (BARCELLOS, 2004) narra a história de Juliano VP, codinome do traficante carioca, Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, que por alguns anos seguiu no comando do tráfico de drogas do morro Dona Marta, no Rio de Janeiro. Além do *modus operandi* da quadrilha de Juliano, o autor mergulha nas minúcias em que ele se constitui objeto, enquanto corpo (social), detento, favelado, chefe e os demais espaços discursivos que o integram. Objetivamos analisar a constituição da subjetividade do sujeito discursivo Juliano VP, e, para mais, compreender como as relações de poder são instituídas na obra e corroboram para a sua constituição enquanto sujeito. O posicionamento de Juliano VP foge aos padrões de sujeito discursivo bandido, nesse sentido, o nosso *corpus* representa uma descontinuidade dos discursos já existentes sobre o sujeito criminoso, rompendo com o discurso do senso comum instituído historicamente. Este é um trabalho em que propomos uma análise arqueogenealógica, a partir dos enunciados diversos que se entrecruzam e explicitam uma regularidade no seu funcionamento. Em nossa análise, pudemos observar, entre outros aspectos, que a constituição de posições-sujeito nestes enunciados se dá, não só a partir de uma memória social motivada pela construção de verdades, mas também por dispositivos de poder que subjetivam e qualificam os sujeitos na obra. Ademais, observamos a desconstrução de sentidos já apropriados aos sujeitos bandidos, e explicitamos outros que emergem em seu discurso.

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Memória Discursiva; Relação de Poder; *Abusado: o dono do morro Dona Marta*.

ABSTRACT

By considering the countless possibilities of researches and approaches in the area of Language Studies, we use as theoretical support the French Discourse Analysis, more specifically in the Michel Foucault's theoretical contributions, who was not a discourse analyst but presents discussions about power, subject and truth, that will be fundamental to analyze the constitution of the thug subject in the journalist Caco Barcellos' report book, *Abusado: o dono do Morro Dona Marta* (2004). *Abusado* (BARCELLOS, 2004) tells the Juliano's history VP, codenamed by Rio's drug dealer Márcio Amaro de Oliveira, Marcinho VP, who for a few years continued to lead drug trafficking at Dona Marta Hill in Rio de Janeiro. In addition to the modus operandi of Juliano's gang, the author describes in detail his object, as a (social) body, detainee, slum, chief and the other discursive spaces that integrate it. We aim to analyze the constitution of the subjectivity of the discursive subject Juliano VP, and to further understand how power relations are instituted in the book and corroborate their constitution as a subject. Juliano VP's position evades the bandit discursive subject patterns, in this sense, our corpus represents a discontinuity of the existing discourses about the criminal subject, breaking with the historically instituted common sense discourse. This is a paper in which we propose an archaeogenealogical analysis, based on the various statements that intersect and explain a regularity in its operation. In our analysis, we could observe, among other aspects, that the constitution of subject positions in these statements occurs not only from a social memory motivated by the construction of truths, but also by power devices that subjectify and qualify the subjects in the book. In addition, we observe the deconstruction of meanings already appropriate to the bad guys, and explain others that emerge in his speech.

Keywords: Discourse; Subject; Discursive Memory; Power Relation; Abused: the owner of the hill Dona Marta.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
CAPÍTULO I	20
FUNDAMENTOS DO DISCURSO PARA ANÁLISE DA COSTITUIÇÃO DO SUJEITO BANDIDO	20
1.1- Do corpus e da proposta de pesquisa	20
1.2- Análise do discurso e a história	22
1.3- A constituição do sujeito.....	29
1.4- O papel da mídia na produção da identidade do sujeito bandido.....	30
1.5- Função enunciativa e produção de sentidos: uma análise discursiva de dizeres outros³²	
CAPÍTULO II.....	36
AS FORMAS DE PODER E OS REGIMES DE VERDADE	36
2.1- O poder em Michel Foucault	36
2.2- Um breve delineamento sobre as práticas de justiça.....	37
2.2.1 A objetivação e a subjetivação do corpo detento.....	40
CAPÍTULO III	44
JULIANO VP E A CONSTITUIÇÃO DE SUA IDENTIDADE: A (DES) HUMANIZAÇÃO DO SUJEITO BANDIDO.....	44
3.1 Juliano VP, o dono do morro.....	44
3.1.1 - A entrevista no morro	61
3.1.2- A gravação do clipe de Michael Jackson	67
3.2- O espaço e a constituição do sujeito.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos na área da linguagem nos permitem inúmeras possibilidades de discussões, pois tem apresentado campos de pesquisa relativamente novos, como a Análise de Discurso, mais precisamente a Análise de Discurso de linha francesa, que será o nosso principal aporte teórico, para pensarmos o discurso enquanto um acontecimento sócio-histórico.

Ao assistir a uma conferência intitulada “Os olhos da rua” do jornalista Caco Barcellos, juntamente com Misha Glenny, também jornalista investigativo, na FLIP, Festa Literária Internacional de Paraty (2016), conheci o livro-reportagem romanciado, *Abusado: o dono do morro Dona Marta* (2004), do Caco Barcellos. Ao conhecer a obra, me deparei com um discurso outro, que não coaduna com os já existentes sobre os sujeitos criminosos. A temática geral do livro é o mercado do tráfico de drogas nas favelas cariocas, mas, paralelamente, o autor narra a história, o dia a dia das pessoas envolvidas no crime, e, de certa forma, humaniza esses sujeitos já catalogados no corpo social.

A partir disso, a presente pesquisa terá como *corpus* o livro *Abusado* (BARCELLOS, 2004), que apresenta diversos aspectos que podem ser observados e discutidos sob a ótica da Análise do Discurso (doravante AD), todavia, o ponto principal da nossa pesquisa será o sujeito discursivo Juliano VP, partindo da hipótese de que a constituição da sua subjetividade se dá a partir da sua relação com o morro Dona Marta. Almejamos observar a constituição dessas posições-sujeito por meio das relações de poder que as constitui. Como veremos adiante com mais atenção, a nossa pesquisa será embasada principalmente nas considerações de Foucault sobre o poder.

Para o Filósofo o poder não é uma instância pertencente a um indivíduo ou uma posição, ele rompe com a noção de poder marxista, em que se compreende a dicotomia: dominados x dominantes, e nos apresenta a noção de micropoderes, relações de poder que se constituem nas mais ínfimas relações humanas de forma mútua. Tomando como ponto de partida as considerações de Foucault acerca do poder, poderíamos nos voltar para a constituição do sujeito Juliano a partir de outras relações e acontecimentos, todavia o nosso interesse maior é analisar como ele é feito objeto através da sua relação com o morro e com o que já lhe era imposto.

Juliano VP, personagem central da obra, é um narcotraficante, morador e comandante do morro Dona Marta, situado na favela Santa Marta, na zona sul do Rio de Janeiro. Durante o seu comando e até mesmo antes de chegar ao poder, Juliano passa por situações adversas, que implicam em atos de resistência e na constituição de posições-sujeito que divergem dos

discursos já produzidos e circulados acerca dos sujeitos envolvidos no crime e moradores de uma comunidade.

No Brasil, assim como em outros lugares, o medo toma conta das pessoas, que vivem inseguras por conta da violência que persiste nos grandes centros urbanos. As notícias que refletem toda essa violência e naturalizam esses discursos são divulgadas nas manchetes dos vários meios de comunicação. Todavia, ao tratarem dessa temática, deixam de lado o contexto e as representações sociais de cada caso.

O tráfico de drogas é um dos problemas sociais mais noticiados nesses meios comunicacionais que têm como plano de fundo, em sua maioria, as favelas do Rio de Janeiro, onde esses episódios são mais corriqueiros. Os moradores dessas comunidades, envolvidos com o tráfico ou não, muitas vezes são mortos, torturados e presos, vítimas de uma punição cruel que excede ou até mesmo se distancia da punição penal e resulta no castigo físico e psicológico como uma maneira de punir ou corrigir esses corpos. Esses fatos são negligenciados pela mídia, mais especificadamente pelos jornais voltados para a cobertura de acontecimentos que se dão em áreas periféricas, que ao tratar do tema em suas manchetes, depositam ou transferem a responsabilidade dos episódios de confrontos àqueles que já são condenados à injustiça.

Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece diversas realidades e hierarquiza a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos. Locais sem um adicional simbólico não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados, destacando seus aspectos multifacetados. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela. Os diversos pontos de vista dificilmente são escutados e, geralmente, apenas fontes oficiais e boletins de ocorrência são privilegiados no relato dos fatos (ORLANDI, 2010, p.141).

Destarte, visamos analisar a constituição do sujeito bandido, bem como as relações de poder como meio de objetivação desse sujeito, e abrir espaço para algumas reflexões sobre a cobertura sensacionalista de meios comunicacionais do país mediante episódios de violência, principalmente aqueles que têm como cenário as favelas do Rio de Janeiro e que acabam por rotular os moradores e desumanizar aqueles que já são estigmatizados socialmente e que se envolvem com o tráfico de drogas.

Abusado (2004) apresenta um novo discurso, uma perspectiva diferenciada sobre os personagens principais da obra, os traficantes e moradores da favela, do que apresentam os

principais meios de comunicação do país. Estes ilustram fatos isolados que autorizam a sociedade a objetivar esses sujeitos por meio de um discurso demasiadamente sensacionalista.

A obra de Barcellos (2004) nos traz de forma minuciosa o enredo da vida do dono do morro. Ele aborda a sua infância, o seu envolvimento e ascensão no tráfico de drogas, suas conquistas, crenças e relações sociais. Enfim, o jornalista procura expor a dura realidade que envolve a vida e atuação desses sujeitos personagens, moradores da favela Santa Marta. Em seguida, faremos uma breve discussão sobre a violência provinda do tráfico numa perspectiva midiática.

É possível notar, na cobertura do tráfico, a possibilidade de uma nova interpretação que dá voz aos silenciados e oprimidos. De acordo com Orlandi (2010), a busca por notícias atraentes, por atualizações cada vez mais velozes e espontâneas faz com que os noticiários ocultem os conflitos sociais e as diversas vozes que constituem dados acontecimentos, inibindo a possibilidade de efeitos de sentidos contrários aos que são possíveis de serem enunciados. Segundo Orlandi (2010, p.5),

Isso pode ser feito de forma intencional, pela política do silêncio, política em que se produz um recorte entre o que se diz o que não se diz. É o não-dito necessariamente excluído, quando se pagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de outra formação discursiva, uma outra região de sentidos.

Os estudos que permeiam essa temática contribuem para a compreensão de como se estabelecem os regimes de verdade nos acontecimentos discursivos aqui mencionados, o poder e a produção de subjetividade, bem como para desmistificar a desumanização desses sujeitos socialmente desfavorecidos e os sentidos já atribuídos a eles pelo discurso midiático.

No coração da zona Sul do Rio de Janeiro, o morro Dona Marta foi alvo de disputa e poder pelas quadrilhas de tráfico de drogas e o plano de fundo de uma história repleta de conflitos e contradições. O autor narra de forma minuciosa a trajetória de Juliano VP, codinome de Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, traficante membro do Comando Vermelho, a principal facção criminosa do estado, e também a história da favela Santa Marta. Filho de nordestinos, de origem humilde, uma infância marcada por conflitos familiares e sem instrução, logo conheceu e se envolveu no mundo do tráfico, tornando-se o dono do morro. Todavia, a temida imagem do traficante perigoso é desconstruída durante a narrativa e dessa forma podemos observar uma ruptura com os discursos já cristalizados sobre esses sujeitos. Barcellos dá visibilidade à história e ao cotidiano de Juliano e seus companheiros, que em geral são deixados no esquecimento.

A escolha pela vida no crime pode ser o reflexo da falta de oportunidades no mercado formal de trabalho, devido ao histórico social e ao índice moradia que os distancia do êxito de conseguir um ofício, devido à estigmatização dos “favelados”, mas também pode significar a oportunidade de uma renda que garanta melhoria para quem sempre viveu na pobreza, como podemos observar na passagem a seguir em que Juliano com a renda oriunda do tráfico busca melhorar a vida da mãe e das irmãs.

Com os lucros, Juliano cumpriu uma antiga promessa feita à família para justificar a sua entrada para o tráfico em 1987. Comprou uma casa, antigo desejo da mãe Betinha, no morro do Chapéu Mangueira, bairro do Leme, a dois quilômetros da favela. Providenciou que ela e suas irmãs fossem morar fora da comunidade para protegê-las das instabilidades das guerras da Santa Marta (BARCELLOS, 2004, p.256).

A narrativa desvela o cotidiano da favela em meio aos combates, prisões, fugas e mortes. Contudo, ao mesmo tempo em que o jornalista ilustra esse cenário de guerra, ele revela a esperança e as conquistas de uma comunidade que sofre com a violência resultante de embates entre facções rivais e também pelas chamadas tropas de elite. Discorreremos mais sobre essa abordagem no decorrer do nosso trabalho.

Nesse estudo, temos como objetivo geral, analisar a constituição da subjetividade do sujeito discursivo Juliano VP e, como objetivos específicos: a) compreender como as relações de poder são instituídas na obra e corroboram para a constituição da subjetividade de Juliano, tanto quanto, b) mostrar como os discursos que emergem desse sujeito discursivo não coadunam com identidade de bandido divulgada na mídia, e, ademais, c) buscamos analisar como o discurso midiático contribui para a desumanização do bandido. Isso, partindo da hipótese de que a constituição da identidade do sujeito Juliano VP nasce da sua relação com o morro Dona Marta e com a comunidade, e de que o discurso que emerge da obra *Abusado* (2004), não só diverge dos discursos proferidos em manchetes jornalísticas, que em geral são discursos de ódio, mas também, humaniza esses sujeitos criminosos, dando visibilidade às suas histórias e voz a quem não tem vez.

Em nossa pesquisa, propomos uma análise arqueogenealógica, a partir dos enunciados selecionados que se entrecruzam e revelam uma regularidade no seu funcionamento.

Para observarmos os discursos proferidos que constituem o sujeito bandido em outros espaços discursivos, no segundo capítulo dessa pesquisa, faremos a análise de alguns enunciados jornalísticos que se relacionam e se contradizem com a obra de Barcellos (2004),

a fim de identificar como esses sujeitos e suas representações sociais são revelados nos diferentes textos.

Além dos estudiosos citados até aqui, o nosso trabalho terá como principal fundação teórica as reflexões do francês Michel Foucault. As suas ponderações são de grande valia para as pesquisas no campo do discurso, assim como em outras áreas de pesquisa. Em *A Arqueologia do Saber* (2016), Foucault nos apresenta uma proposta de análise discursiva a partir da compreensão do que é um enunciado, como uma ferramenta metodológica para analisar as condições de possibilidade e produção de um dado discurso. O autor procura nos direcionar para a investigação do enunciado na sua regularidade, pensando sob quais regras este foi construído e o que possibilita, a partir dele, a sua construção e de outros. Dessa forma, os enunciados compõem o discurso, e quando observados nas suas particularidades podem revelar uma regularidade no seu funcionamento.

O enunciado, assim como outras questões teóricas preconizadas por Michel Foucault, será abordado ao longo deste estudo, a partir também dos aportes teóricos de alguns estudiosos do discurso que problematizam diversas questões ilustradas na obra em análise.

Assim como *A Arqueologia do Saber* (2016), outras obras foucaultianas serão de fundamental importância como *Vigiar e Punir* (2013) e *Microfísica do poder* (1995) que nos proporcionam embasamento teórico para pensarmos a questão do poder problematizado por Foucault. No decorrer do nosso estudo, valorizamos a necessidade de um diálogo com os estudos de *Gregolin* (2003) e *Orlandi* (2016), nos quais nos respaldamos para observarmos a constituição do sujeito criminoso em outros espaços como a mídia.

Organizaremos nosso estudo em três capítulos. O primeiro capítulo, no qual apresentamos a fundamentação teórica, propomos um delineamento da obra que constitui o nosso *corpus* de pesquisa e um levantamento teórico-metodológico de alguns fundamentos preconizados por Foucault que serão uma ferramenta para o desenvolvimento das nossas análises. No segundo, faremos um apanhado da teoria do poder em que nos apoiaremos na obra *vigiar e punir* para compreender a abordagem de Foucault sobre as relações de poder, as formas de disciplinarização do corpo e objetivação do sujeito. Faremos uma análise discursiva de três enunciados que trazem em seu discurso uma relação com os enunciados da obra, buscamos mostrar como em ambos os espaços o sujeito bandido é constituído. No terceiro e último capítulo, apresentaremos a análise dos enunciados do nosso *corpus* de pesquisa, *Abusado* (2004). Procuraremos investigar o funcionamento de enunciados que revelam o sujeito bandido constituído por discursos que o humanizam e que, de certa forma, produzem justificativas para as suas ações.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS DO DISCURSO PARA ANÁLISE DA COSTITUIÇÃO DO SUJEITO BANDIDO

Partindo em direção aos estudos de Michel Foucault para compreendermos a produção de enunciados, sobre a criminalidade, e o seu funcionamento discursivo, nos utilizaremos de um livro-reportagem, que ilustra um jeito relativamente novo de produzir textos jornalísticos. Caco Barcellos, autor de *Abusado: o dono do morro Dona Marta* (2004), é um jornalista comprometido com os problemas sociais, assim como em seu livro *Rota 66: a história da polícia que mata* (1992), e no seu atual programa *Profissão Repórter*, discute temas não priorizados nos principais noticiários, os quais, quando abordados, exprimem um efeito de sentido negativo.

Além de manifestarem um discurso divergente, esses textos dispõem de informações e acontecimentos que são ignorados nas manchetes, até mesmo pela sua extensão, mas que são de fundamental importância, uma vez que há uma infinidade de conflitos que envolvem essas histórias, e o autor busca, na sua escrita, ressaltar não só as consequências, mas também as causas desses episódios de violência, e conseqüentemente, dá voz e produz efeitos de sentidos outros para essa temática.

1.1- Do corpus e da proposta de pesquisa

O livro-reportagem *Abusado* (2004), conta a história de Juliano VP. Barcellos narra a sua trajetória, desde a infância no morro até a sua entrada e ascensão no tráfico de drogas. Além disso, o autor narra todo o funcionamento da comercialização das drogas, procura explicitar o *modus operandi* da quadrilha comandada por Juliano. Com isso, o espaço favela e toda a comunidade formam o enredo dessa narrativa.

Os conflitos envolvendo policias e “criminosos” de favelas rivais são recorrentes no livro, o autor descreve situações de muita violência, por outro lado, revela a construção de uma consciência social adquirida por pessoas que sofrem com a exclusão desde cedo. O autor dá visibilidade à história e ao cotidiano de Juliano e seus companheiros, que em geral são deixados no esquecimento.

A narrativa explicita as condições que possibilitaram o envolvimento dos jovens no tráfico e chama a atenção para a constituição desses sujeitos a partir do espaço que ocupam.

Assim como Juliano, outros jovens sonhavam em mudar de vida e ter o que nunca puderam. Um destes foi Pardal de dezoito anos, mas que desde os sete já prestava seus serviços no asfalto de forma esporádica. O tráfico significava para Pardal, assim como para os outros, a sonhada mudança de vida.

Para ele e sobretudo para seus pais, tráfico de drogas representava o emprego que nunca teve, uma garantia de renda melhor que a deles. A mãe, Genilda, era faxineira de um prédio de Copacabana. E o pai, Robson, era pedreiro e estava aposentado por invalidez. Pardal convivia com o pessoal da boca desde criança, prestando alguns serviços esporádicos para os traficantes. Quando virou adolescente ficou três anos na lista de espera para a função de segurança, enquanto atuava como olheiro ou avião (BARCELLOS, 2004, p.38).

Por outro lado, as descrições revelam, com minúcias, os bastidores da formação de uma quadrilha em diferentes momentos, situações e objetivos. Logo no início, o autor nos descreve um embate entre policiais militares e o grupo de guerra do morro, chefiados por Juliano VP, que nesse confronto perdeu o companheiro e amigo de infância Careca.

Para Juliano, a morte de Careca representou também a perda do último amigo de infância que o acompanhava na trajetória do crime. Eles cresceram juntos, frequentaram as mesmas igrejas e terreiros, estudaram na mesma escola e, na adolescência, se destacaram como integrantes de uma gangue de surfistas (BARCELLOS, 2004, p. 46).

Para os policiais era só mais um: “Liga, não. Tudo que é bandido acaba desse jeito” (BARCELLOS, 2004, p.46). Após essa passagem somos remetidos ao início de tudo. A infância no morro, as histórias, grandes operações e fugas, enfim, o narrador percorre os caminhos feitos por Juliano que exerceu o poder político na Santa Marta.

Mesmo se tratando de uma “empresa” de comercialização de drogas, administrada por Juliano VP, ele, assim como os alguns outros, acreditava que esse era o meio pelo qual trariam melhorias para a comunidade.

Esse discurso social, o perfil carismático e ativista de Juliano que foge ao estereótipo do bandido, construído principalmente pelos jornais incumbidos de cobrir os conflitos ocorridos na periferia, chamou a atenção de jornalistas e intelectuais. Isso fica ainda mais claro em todo o acontecimento envolvendo a gravação de um videoclipe do cantor Michael Jackson na favela Santa Marta. O evento mudou a vida de Juliano e aumentou a visibilidade da favela.

Mediante um acontecimento como este, o traficante não só precisou lutar para que o evento pudesse ser realizado no morro, como garantiu a segurança do cantor e da sua equipe durante a gravação, mantendo a favela pacificada. Precisou ainda, convencer os seus homens de que essa era uma grande oportunidade de denúncia social.

A imagem construída pelo sujeito discursivo Juliano VP, através desses acontecimentos, chamou a atenção de jornais e outros artifícios midiáticos que logo passaram a discutir a conduta divergente do dono do morro. Abriremos espaço adiante para falar sobre esse importante acontecimento no morro Dona Marta.

Acreditamos que a nossa análise possibilitará que vislumbremos, através do funcionamento discursivo, a desconstrução de verdades e sentidos já apropriados aos sujeitos moradores e traficantes da Santa Marta e como se estabelecem as relações de poder que contribuem para constituição desses indivíduos em sujeitos, assim como para a subjetivação dos mesmos.

1.2- Análise do discurso e a história

A pesquisa será fundamentada na Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) à luz da epistemologia de Michel Foucault, que não era analista do discurso, no entanto, suas discussões são de fundamental relevância para a AD. O pressuposto teórico partirá de uma perspectiva foucaultiana, a começar pela noção de discurso, constituição dos sujeitos e como as relações de poder corroboram para a constituição das subjetividades.

Foucault que tinha como objeto de investigação o discurso, afirma que este, uma vez pertencente ao campo da linguagem, admite diferentes possibilidades de existência, a partir das condições históricas e sociais que o determinam. Sobre o discurso Fernandes (2012) corrobora dizendo que:

O discurso é exterior à língua, mas depende dela para sua possibilidade de existência material, ou seja, o discurso materializa-se em forma de texto, de imagens, sob determinações históricas. As condições de produção do discurso [...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social, e as escolhas lexicais e/ou imagéticas e seu uso revelam os posicionamentos dos sujeitos.

A noção de discurso é um objeto de reflexão no pensamento foucaultiano, por meio do qual se pensa outros objetos. Nas suas ponderações sobre discurso e sujeito, o autor esclarece que a historicidade determina os discursos produzidos e vigentes em um dado momento, e que

a partir desses discursos materializados se dá a produção de sujeitos, fundados através dos aspectos históricos e sociais. Os discursos são então externos à língua, pois são constituídos a partir de outros elementos não linguísticos, por motivações de outra natureza, são historicamente produzidos e sempre transformados.

Em Foucault, os discursos são pensados em seus processos histórico-sociais de constituição, e se mostram por meio de um conjunto de enunciados efetivamente produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como sequências formuladas [...] Trata-se de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção (FERNANDES, 2012, p. 20).

Em *A ordem do discurso* (2014) Foucault faz reflexões sobre a produção discursiva a partir de suas inquietações mediante as regras que controlam os discursos, sob as quais há a possibilidade de que ele aconteça, e de como eles proliferam na sociedade.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p.8).

Ainda sobre os procedimentos de controle do discurso, reitera afirmando que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT, 2014, p.9).

Em suas considerações sobre o discurso e as formas de controle, Foucault (2014) esclarece que muitos são os procedimentos utilizados para controlar o discurso, até mesmo procedimentos internos, visto que o discurso pode exercer o seu próprio domínio, a ordem e a classificação no seu acontecimento. Outra questão importante ao pensarmos o discurso, nas suas condições de produção, é a relação saber/poder, que constitui sujeitos, uma vez que o lugar de fala e o estatuto do enunciado afetam o seu acontecimento.

Sobre o funcionamento do discurso e outras questões pertinentes a ele, como enunciado, condições de produção e formações discursivas, discorreremos com maior elucidação no decorrer da construção do nosso trabalho.

Para Foucault (2006), não há discurso sem sujeito e este é constituído pelo discurso, pois se trata de um sujeito histórico e social. Ainda nessa perspectiva, as práticas discursivas são regidas por regras que delimitam aos sujeitos de uma dada formação discursiva o que é permitido ou não dizerem. Sobre as formações discursivas Foucault (2016, p. 47) afirma que:

No caso que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Dessa forma, os discursos são inscritos e organizados dentro das formações discursivas que revelam a linearidade entre eles e que também, se atravessam e se contradizem viabilizando a produção de novos discursos.

Com os seus estudos voltados para o sujeito ele acaba problematizando outras questões que trataremos na nossa abordagem, tais como o poder, vontade de verdade e a noção de enunciado.

Como dito anteriormente, para o filósofo não existe discurso sem sujeito, uma vez que este é produzido por aquele. Pensando a materialidade do discurso, ele nos leva a observar os acontecimentos discursivos, que compreendem um conjunto de enunciados possíveis em um dado momento.

Trata-se de tomar um campo imenso de possibilidades, constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (falados ou escritos) em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. Constitui-se, assim, o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos, como um conjunto finito e efetivamente limitado das sequências que tenham sido formuladas, compreendendo o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica (GREGOLIN, 2006, p.88).

Em *A Arqueologia do Saber* (2016), Foucault faz uma abordagem dos procedimentos teórico-metodológicos voltados para a compreensão do enunciado, o qual ele designa como sendo a unidade elementar do discurso. Primeiramente ele procura distingui-lo da proposição, dizendo que, por ser da ordem do discurso, não pode ter o caráter de verdadeiro ou falso. Pensando frase e enunciado, Foucault (2016) os diferencia mostrando que este não é

submetido a uma estrutura, isto é, ele não tem necessariamente características gramaticais, concluindo assim que em toda frase há um enunciado, mas nem todo enunciado configura-se uma frase. Em terceiro plano, o filósofo procura discriminá-lo dos atos de fala (Speech Act), explicitando a proximidade entre ambos. Porém, percebe-se que a sua intenção não é uma análise do ato, nem da intencionalidade do sujeito, ou do resultado da enunciação, o que interessa a ele é compreender como ocorre a produção do enunciado em sua emergência, que circunstâncias o determinou, bem como o que foi produzido a partir dele. Ademais, Foucault correlaciona o conceito de enunciado ao da língua, mostrando que, apesar de não estarem no mesmo plano, esta é “um sistema de construção para enunciados possíveis” (2016, p.103).

Por fim, sobre o enunciado, Foucault conclui que:

Trata-se de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem [...] uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2016, p.105).

Considerando que sempre há um sujeito junto ao enunciado, este precisa ser efetivamente produzido para que se constitua como enunciado. Este pode revelar, a partir da função enunciativa, as posições-sujeito neles inscritas, descortinando o discurso que os compreende.

Em suas reflexões, Foucault, segundo Fernandes (2012), procura pensar a historicidade, isso porque, esta é própria à produção dos objetos, dos discursos. A historicidade, além de constituir o sujeito, determina as condições de produção e funcionamento que possibilitam o surgimento de enunciados, em um dado momento. Um determinado período envolve práticas discursivas e estas práticas conduzem os posicionamentos dos sujeitos nas camadas sociais. Ademais, há um deslocamento de sentidos das enunciações nos diferentes momentos históricos. “Fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas” (CERTEAU, 1982, p.41). Fernandes corrobora afirmando que “da mesma maneira como se dá com a produção de discursos, a história não pode ser desligada de suas condições sociais, políticas e culturais de produção” (2012, p.95).

Atrelada aos acertos sobre a história, a noção de memória discursiva se faz importante para pensarmos o funcionamento do discurso na obra. Na análise do discurso, a memória discursiva diz respeito ao resurgimento de discursos, produzidos e proferidos em diferentes momentos históricos, mas que trazem consigo sentidos outros, nessa perspectiva é interessante salientar a margem que um enunciado dá a outro, isto é, assim como o discurso, no sentido da memória, os enunciados produzem ou atualizam outros enunciados já ditos, admitindo (re) significações, considerando então a multiplicidade dos sentidos, a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma certa memória social.

Em *A Arqueologia do Saber* (2016), Foucault apresenta a sua concepção de história, denominada história geral, em oposição de uma história tradicional, a história global. Ele nos apresenta a diferença de entendimento e método das duas formas de história. Foucault chama a atenção para o fato de que os historiadores, em anos, procuravam reconstruir longos períodos históricos, partindo do pressuposto de que existia somente uma única forma de fazer história, se valendo de instrumentos que permitiam a eles realizar descrições a partir de modelos econômicos e perfis de desenvolvimento demográfico, por exemplo. Enquanto a história globalizante almeja a construção de estruturas fixas obedecendo a certa continuidade, a história geral, descrita por Foucault, problematiza a descontinuidade. Isso, podemos observar na citação a seguir em que Foucault faz uma explanação sobre a história global, a qual chama de “o rosto de uma época”, se referindo à descrição engessada dos acontecimentos, também, ressalta a convergência de análise dos acontecimentos nas duas práticas da história.

O tema e a possibilidade de uma história global começam a se apagar, e vê-se esboçar o desenho bem diferente, do que se poderia chamar de uma história geral. O projeto de uma história global é o que procura reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio – material ou espiritual – de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica uma coesão – o que se chama metaforicamente o “rosto” de uma época [...] uma descrição global cinge todos os fenômenos em torno de um centro único – princípio, significação, espírito, visão do mundo, forma de conjunto; uma história geral desdobraria, ao contrário, o espaço de uma dispersão (FOUCAULT, 2016, p. 11-12).

O filósofo faz uma análise da relação do documento com a história, questiona como houve uma mudança na forma de interpretação do documento. Ele relembra que para uma disciplina como a história os documentos são fundamentais pois, por meio deles nascem as indagações próprias da prática do historiador, em relação à sua interpretação e a sua

autenticidade, por exemplo. Por outro lado, ele ressalta que houve uma mudança de posicionamento da história em relação ao documento. Nessa perspectiva não seria o mais importante saber se ele era verdadeiro ou falso ou apenas saber o que eles queriam dizer, mas considerar o seu interior, priorizar a sua organização no sentido de estabelecer recortes, séries, de descrever relações, entre outros. Segundo Foucault (2016),

o documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações [...] o documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa (FOUCAULT, 2016, p.7).

Ele conclui a sua problematização sobre o documento fazendo um contraponto entre este e o monumento. Enquanto na história global os monumentos eram transformados em documentos, a história global faz dos documentos, monumentos. Sobre isso Foucault aduz que:

Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 2016, p.8).

Sobre o documento, podemos compreender que a história se volta para o documento, no intuito de descrever o monumento. O monumento seria, então, na história global, o exercício de interpretação do acontecimento e o documento a verdade sobre ele. Segundo Navarro (2008), “há, desse modo, uma vontade de verdade no documento, e a história vai tomá-lo como se fosse o espelho da realidade”. Ao contrário, na história geral, ao serem transformados em monumentos, os documentos “restituem seu caráter de acontecimento”.

Foucault (2016) dá continuidade à sua problematização sobre a história, dizendo que esse exercício dos documentos transformado em monumento, da arqueologia como a ferramenta para a descrição específica do monumento, admite várias consequências. Navarro, em seu texto “Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia” (2008), contempla de forma minuciosa esses efeitos citados por Foucault. Ele fala da

“Pluralidade de historicidade *versus* homogeneidade” em que ele faz uma reflexão da temporalidade na história. Não sendo a temporalidade um fator único para todos os indivíduos, isto é, homens vivendo no mesmo tempo cronológico podem não viver na mesma temporalidade, o que pode significar uma “homogeneidade em um mesmo momento histórico”. Outra dicotomia interpretada por Navarro (2008) é a “Descontinuidade *versus* continuidade”. A história global prioriza estruturas fixas em que não há espaço para a descontinuidade, isso em detrimento da continuidade dos acontecimentos históricos. Foucault, com a história geral, rompe com a ideia de tempo contínuo, de uma história fechada em torno de um acontecimento histórico, por exemplo. Sobre a descontinuidade Foucault (2016) diz que,

para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos – decisões, acidentes, iniciativas, descobertas – o que devia ser pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história (FOUCAULT, 2016, p. 10).

Com a história geral a descontinuidade passa a ser um elemento fundamental, a começar pela postura do historiador que a partir disso deve ter a percepção para distinguir os níveis e métodos adequados para a análise, ademais, a descontinuidade passa a ser resultado e não mais o que deve ser eliminado no desenvolvimento da análise.

Outra oposição explicitada por Foucault (2016) e discutida por Navarro (2008), é a que ele denomina “Descentramento do sujeito *versus* sujeito fundante”. Segundo Foucault (2016), na história global, o sujeito é fundado e visto como centro dos acontecimentos discursivos, por outro lado, a história nova é responsável pela descentralização do sujeito, ele passa a ser objeto, objeto de saber, uma vez que ela se volta para os saberes que os constituem e não para as suas ações.

Por fim, é problematizada a unidade *versus* série. Na história geral, segundo Foucault (2016), a abordagem dos enunciados efetivamente produzidos é promovida a partir de uma análise da constituição de séries enunciativas, assim como as relações que se estabelecem entre elas, isso, segundo o filósofo, proporciona uma melhor compreensão do enunciado em sua singularidade.

A concepção de história (história geral) exposta por Foucault apresenta uma relação com outras questões discutidas por ele nos seus diversos textos, como o tema do poder, além

de nortear a prática de análise arqueológica dos enunciados que constituem um acontecimento discursivo.

1.3- A constituição do sujeito

Na Análise do discurso o sujeito sobre o qual se discute não se trata de um ser, uma pessoa na sua individualidade, mas sim um sujeito discursivo, um ser apreendido em um espaço social e ideológico, uma função estabelecida pelo discurso na sua historicidade. “O sujeito passa a ser considerado como uma função, ou como uma posição a ser ocupada nos discursos” (FERNANDES, 2012, p.59).

O sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um ‘eu’ individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro (FERNANDES, 2007, p.33).

Michel Foucault, em muitos dos seus textos, deixa claro que o seu principal objeto de pesquisa é o sujeito, a forma como este é construído, objetivado e subjetivado. Para ele, não existe sujeito pré-estabelecido, para Foucault (1995) o sujeito é constituído a partir das relações de poder, e o corpo construído historicamente. Buscava compreender os diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos.

Nas suas reflexões sobre o sujeito, o filósofo discorre sobre o fenômeno do poder, fundante do sujeito. “Enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p.232). O autor explicita a necessidade e a importância da investigação sobre o poder para se estudar a objetivação do sujeito.

A morte do homem, enquanto individualidade no mundo, e o nascimento dos sujeitos pelos saberes que os circundam possibilitam a Foucault [...] refletir sobre a relação constitutiva entre sujeito e poder, o que leva, inclusive, a escavar as formas sociopolíticas voltadas para o biopoder (FERNANDES, 2012, p.59).

Ainda nas suas reflexões sobre a produção de sujeitos, Foucault fala da produção de subjetividade, dos modos de subjetivação que ocasionam a produção de sujeitos. O indivíduo se constitui e se reconhece por meio desses processos. Sendo o sujeito, enquanto corpo social,

objeto de governo, esses modos de subjetivação agem como motivações inconscientes que tendem a controlar os comportamentos.

Os discursos historicamente produzidos são responsáveis pela constituição dos sujeitos, que, assim como o discurso, está em constante produção. Para Foucault, segundo Fernandes (2012), “o discurso é uma categoria fundante do sujeito”. Dessa forma, trata-se de uma função estabelecida pela história e pelo discurso vigente, pois:

não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado [...] mais especificadamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro (FERNANDES, 2007, p.33).

Esse sujeito discursivo do qual se refere Fernandes (2007) carrega, no corpo social, outras vozes, que constituem o meio social em que vive e revela o lugar de onde fala.

Com os seus estudos voltados para o sujeito ele acaba problematizando outras questões que trataremos posteriormente na nossa abordagem, tais como o poder e a vontade de verdade.

Sobre as relações entre os sujeitos é interessante ressaltar que o poder presente nas relações não é algo restrito a um sujeito, mas algo que perpassa as relações de força entre esses sujeitos, causando um deslocamento e possibilitando a resistência.

Esses sujeitos são, então, constituídos pelas relações de poder que perpassam os discursos, e pelos processos de subjetivação que possibilitam a objetivação dos corpos. “O sujeito não corresponde a uma individualidade no mundo, e suas enunciações revelam justamente essa presença do exterior na subjetividade manifestada pelos discursos materializados nos enunciados” (FERNANDES, 2012, p.75).

Ele manifesta um conjunto de vozes e de discursos que atravessam o corpo social. Esses discursos são constituídos por um conjunto de enunciados inscritos em uma mesma formação discursiva em que são reveladas as formações ideológicas que as constituem.

1.4- O papel da mídia na produção da identidade do sujeito bandido

Essa pesquisa se valerá de estudiosos do discurso que nortearão acerca dessa temática as análises e interpretações dos sentidos, uma vez que o *corpus* apresenta características

desses acontecimentos, além de apresentar um novo olhar da prática jornalística em que não são reproduzidos discursos já instituídos e propagados por noticiários policiais que intensificam a segregação da sociedade.

Gregolin (2003), juntamente com outros autores, faz uma análise da representação da mídia na proliferação e circulação de sentidos, dando enfoque ao que ela chama de cultura do espetáculo, observada através de três ângulos: da política, da língua e da história. Nessa perspectiva, a autora analisa como esses acontecimentos discursivos respaldam a construção da verdade.

Como construtora de imagens simbólicas a mídia participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade (GREGOLIN, 2003, P.97).

A representação simbólica, construída pelo sujeito da sua relação com a sociedade real, se dá através do imaginário. É nele que a sociedade delinea a sua identidade e se apropria na ilusão de unidade do sentido.

No entanto a análise do discurso nos traz a noção de relações de sentido em que um discurso se relaciona com outros, isto é, “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2008). As relações de sentido esboçam o que diz e o que poderia dizer um texto, o constituindo significativamente. Nessa perspectiva, as palavras não têm um sentido próprio e o discurso se caracteriza como um acontecimento do qual pode emergir inúmeros sentidos.

Os estudos discursivos possibilitam a identificação de elementos de determinada historicidade, cortinados nos meios de comunicação, mas desvelados no discurso dos personagens, como acontece em *Abusado* (2004). Para uma mais efetiva caracterização do presente estudo abrimos espaço a fim de inserir a situação retratada na obra, como veremos a seguir.

Nessa narrativa, acontecimentos recorrentes envolvem policiais e “bandidos”. O autor questiona a relação entre os dois lados, bem como a corrupção que estreita a barreira entre eles. Ele discute o sentido de certo e errado nesse contexto e isso fica ainda mais claro ao mencionar Carlos da Praça, antigo chefe de Juliano VP no tráfico de drogas, e agora inimigo ferrenho que deseja acertar as contas com o antigo sobrinho, como o considerava. Para isso teve o auxílio da polícia, mesmo estando preso e sendo um dos mentores do tráfico no morro. “Enquanto a polícia atacava pela parte alta do morro para atingir a base da quadrilha, os

homens de Carlos da Praça agiam pelas margens, nas ruas próximas ao acesso da Santa Marta” (2004, p.33). Nos primeiros dias de ataque, a quadrilha de Carlos da Praça tomou, com a ajuda da polícia, pontos de cocaína que antes lhe pertenciam. Toda a conjuntura de um acontecimento como esse fica imersa na notícia que prioriza o calibre das armas, a quantidade de tiros e de policiais mortos ou feridos.

Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece, no sentido de colocar no silêncio personagens, fatos ou privilegia determinadas angulações (perspectivas discursivas), além de hierarquizar a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos (ORLANDI, 2010, p.402).

O romance desvela acontecimentos, a princípio insignificantes, mas que humanizam essas pessoas, excluídas socialmente, expostas a todas as formas de injustiça e esquecidas por quem deveria cuidar delas enquanto cidadãos, como assinala Barcellos (2004) ao relatar sobre as aulas de desenho, a crença em São Jorge e Nossa Senhora Aparecida, as visitas às creches, o envolvimento nas necessidades da comunidade e a admiração por Che Guevara do “bandido” dono do morro Dona Marta.

1.5- Função enunciativa e produção de sentidos: uma análise discursiva de dizeres outros

O discurso, próprio da linguagem, é instituído a partir de um conjunto de enunciados, pertencentes a uma dada formação discursiva. Ele é então, do campo das possibilidades, uma vez que, inúmeros sentidos podem emergir de um enunciado, possibilitando diversas leituras. Os discursos são produzidos e produzem efeitos de sentido, uma vez que ele é da ordem do poder.

Ao analisar os discursos nos voltamos à sua unidade elementar, o enunciado, que não necessariamente depende da posição determinada de um sujeito discursivo para existir, pois este, como já explicitamos anteriormente, é uma função que pode ser ocupado por indivíduos diferentes. É a partir da materialidade enunciativa que são identificadas posições-sujeito dentro de um discurso. Segundo Foucault (2016), “o enunciado tem sempre margem em outros enunciados”, dessa forma, a função enunciativa tem uma relação direta com o que ele denomina campo associado, povoado por uma série de formulações nas quais se inscrevem os enunciados.

Como não existe enunciado que não suponha outros, a memória exerce um papel fundamental na relação entre o enunciado e o arquivo, que pode ser pensada nos seguintes termos: em relação ao arquivo, o enunciado é aquilo que surge com valor de acontecimento em meio a um espaço colateral povoado por outros enunciados. A esse espaço colateral Foucault dá o nome de "campo associado" (NAVARRO, 2008, p.117).

Partindo da noção de campo associado, almejamos justificar a nossa escolha por analisar três enunciados recortados de meios comunicacionais que revelam uma relação direta com o nosso *corpus*, *Abusado* (2004). Os enunciados em questão constituem a subjetividade do sujeito bandido Juliano VP (Marcinho VP), em diferentes acontecimentos discursivos, revelando posicionamentos e discursos divergentes da obra. Vislumbramos a necessidade de análise desses enunciados por uma questão relacional com os enunciados do nosso *corpus*, no intuito de evidenciar outras identidades atribuídas a esse sujeito.

Os dizeres selecionados como *corpus* dessa breve análise não coadunam com o discurso vigente em *Abusado* (2004), sobre o sujeito criminoso. São eles, uma reportagem publicada na revista ISTOÉ de 2003 com os seguintes dizeres: “*Final previsível: Marcinho VP, que tentou virar o anti-herói do tráfico com o movimento favelania, é encontrado morto numa lata de lixo do presídio*”. O segundo enunciado a ser analisado foi retirado do jornal Extra de 2009 que diz: “*Marcinho VP: em vez de modelo e poeta, chefe do tráfico do Dona Marta*”. O terceiro e último circulou antes mesmo do livro ser publicado, todavia integra a perspectiva que buscamos, ele se refere ao espaço favela em um dado acontecimento que envolveu a comunidade. Este enunciado foi retirado da Folha de São Paulo de 1996 e diz: “*Pelé critica opção de mostrar coisas ruins*”.

Adiante poderemos observar, não só a intencionalidade revelada nas escolhas lexicais, como também, a mediação de fatos isolados sobre os acontecimentos violentos na periferia e que fomentam o imaginário social, é a partir desse imaginário que se constroem as verdades impostas, por meio das quais a sociedade define sua identidade, segregando o “diferente”, e se apropria da ideia de unidade de sentido.

Os enunciados selecionados, dos anos de 1996, 2003 e 2009, foram retirados do jornal Folha de São Paulo, da revista ISTOÉ e do jornal Extra, respectivamente. Todos de grande circulação no país.

No período que compreendeu a gravação do videoclipe do cantor Michael Jackson, Juliano precisou lutar, como ressaltamos anteriormente, para que o evento fosse de fato realizado no Morro Dona Marta. Um dos enfrentamentos foi contra o governo do estado do Rio de Janeiro, representado pelo secretário de Comércio e Turismo, Ronaldo César Coelho e

o ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. A partir dessa conjuntura faremos uma breve discussão sobre o seguinte dizer, publicado na Folha de São Paulo em 1996: “*Pelé critica opção de mostrar coisas ruins*”.¹

A crítica feita pelo ministro refere-se à escolha do espaço ao qual o acontecimento foi destinado. Ao proferir “coisas ruins” ele se refere à favela. O uso do termo produz um sentido já apropriado a esse espaço, que é estigmatizado na sociedade, a começar pela sua localização dentro de uma cidade.

Tal posicionamento foi narrado em *Abusado* (2004), como podemos observar a seguir:

Dias antes das gravações, a vinda de Jackson ao Brasil ainda não estava confirmada devido à polêmica diplomática gerada pelo clipe. O então secretário estadual de Comércio e Turismo do Rio de Janeiro, Ronaldo César Coelho, e o ministro dos Esportes da época, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, promoviam uma campanha contra a gravação do clipe na favela. Alegavam que a exposição da pobreza dos morros brasileiros era negativa para a imagem do país no exterior (BARCELLOS, 2004, p.328).

Ao tomar conhecimento da campanha, Juliano, como uma forma de resistência, “usou o sistema de alto-falantes da Associação de Moradores para protestar contra a posição das autoridades” (BARCELLOS, 2004, p.328).

O enunciado em destaque não só evidencia a significação da favela para a imagem da cidade, como revela um jogo de forças onde se estabelecem as relações de poder. Contudo podemos observar a representação desses espaços periféricos no imaginário social. As relações de poder implicam também a interdição da palavra, a exclusão. Esta é, então, um meio de controle e dessa forma, a verdade está diretamente relacionada aos sistemas de poder. Com isso, podemos pensar os lugares de onde falam esses sujeitos e o saber/poder que os autoriza.

O enunciado “*Final previsível: Marcinho VP, que tentou virar o anti-herói do tráfico com o movimento favelania, é encontrado morto numa lata de lixo do presídio*”², publicado na revista ISTOÉ em 2003, refere-se à morte de Marcinho VP, que foi encontrado em uma lata de lixo em Bangu III onde estava preso.

A expressão “final previsível” revela uma linearidade com outros discursos acerca desses sujeitos envolvidos na criminalidade. A constituição da posição-sujeito “bandido” a partir do excerto em destaque autoriza de certa forma, a objetivação desses indivíduos,

¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/09/cotidiano/22.html>> Acesso em: 21 nov. 2017.

² Disponível em: <https://istoe.com.br/12952_FINAL+PREVISIVEL/> Acesso em: 21 nov. 2017.

fazendo com que eles sejam menos vítimas do que os outros, expostos à violência. Dessa forma a punição pela vida marginal recai sobre o corpo.

Numa perspectiva foucaultiana, podemos observar uma relação corpo/sujeito, em que o corpo é alvo de poder e o castigo aplicado (a morte) não implica somente o corpo físico, mas também o corpo social, uma vez que o sujeito é representativo de uma função que permeia no âmbito político, social e cultural.

Já o termo anti-herói, em oposição ao herói, isto é, aquele que não é ou não pode ser o herói, produz efeitos de sentidos que desconstroem a imagem composta pelo sujeito discursivo Juliano VP, uma vez que ele não apresenta o estereótipo de um herói. Aqui a escolha lexical revela o posicionamento do sujeito produtor do enunciado, que ao colocar Juliano como um anti-herói o caracteriza pela ausência de atributos físicos e, principalmente, morais para ser considerado um herói.

O enunciado a seguir associa-se ao anterior, ao que se refere à constituição do sujeito discursivo Juliano VP. Em “*Marcinho VP: em vez de modelo e poeta, chefe do tráfico do Dona Marta*”³, publicado no jornal Extra em 2009, os dizeres “modelo” e “poeta” referem-se ao fato de Juliano ter tentado as duas carreiras, porém sem êxito. As palavras em destaque se opõem à expressão “chefe do tráfico”, uma vez que há uma barreira entre essas posições-sujeito. Podemos observar o exercício do poder no processo de subjetivação que intenciona estabelecer ao sujeito determinados modelos instaurados no registro social.

Ainda pensando a questão das relações de poder, é interessante observarmos as formas de resistência nas ações do sujeito discursivo Juliano VP, que mesmo não se adequando ao modelo de poeta ou desenhista, e seguindo outro caminho, não deixou de escrever e assim resistir ao que já lhe era imposto.

Em suma, pudemos constatar que a constituição do sujeito criminoso se dá por meio de uma memória social, a partir de modelos pré-estabelecidos socialmente que o subjetivam. Mas, também, através dos dispositivos de poder que controlam os sujeitos em suas ações e dos regimes de verdade que acolhem os discursos, e os faz funcionar como verdadeiros em um dado momento histórico. Os efeitos de sentido produzidos a partir dos enunciados aqui problematizados compõem o imaginário social, e coadunam com os sentidos já apropriados a esses sujeitos, sentidos que designam a estes a identidade de desumano, frio e cruel.

³ Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/bau-do-crime/marcinho-vp-em-vez-de-modelo-poeta-chefe-do-trafico-do-dona-marta-400181.html>> Acesso em: 21 nov. 2017.

CAPÍTULO II

AS FORMAS DE PODER E OS REGIMES DE VERDADE

De acordo com Foucault (1995, p.232), “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. Apesar de ser o sujeito o principal objeto de pesquisa de Michel Foucault, ele se propõe a estudar o poder e como este produz subjetividade. Segundo o autor, as relações de poder estão presentes nas mais ínfimas relações sociais, se coloca de variadas formas, e é a partir delas que os indivíduos se constituem sujeitos. Com os seus estudos voltados para o sujeito ele acaba problematizando outras questões sobre as quais discorreremos melhor a seguir, tais como a relação com o saber/poder e os jogos de verdade.

2.1- O poder em Michel Foucault

As relações sociais são reguladas por relações de poder que constituem o sujeito e a sua subjetividade. Ao abordar a questão do poder, Foucault não o considera como uma força entre duas instâncias, dessa forma ele rompe com a ideia de poder herdada por uma concepção marxista da luta entre as classes. Para ele, o poder não pode ser detido por um ou outro sujeito, o que se tem são relações de poder que perpassam os sujeitos nas mais ínfimas relações cotidianas. Sobre isso, Fernandes aduz que:

Nas relações humanas, quaisquer que sejam, o poder está sempre presente; há relações de poder em todas as relações entre sujeitos. O poder, nessa acepção, é focalizado em micro instâncias, é um exercício integrante do cotidiano e consiste em formas de luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão. Logo, o poder implica e/ou requer a resistência (FERNANDES, 2012, p.56).

Dessa forma, segundo a concepção de poder foucaultiana não há relação de poder sem resistência, do contrário o que se tem é uma relação de dominação, como quando se busca a disciplinarização dos corpos. Sobre o sujeito, o poder e a resistência, Gregolin alude que:

Para Foucault, o fato de haver uma “disciplinarização”, de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância contínuos demonstra que os sujeitos lutam. Dessa luta deriva, como consequência, o fato de que nenhum poder é absoluto ou permanente; ele é, pelo contrário, transitório e circular, o que permite a aparição das fissuras onde é possível a

substituição da docilidade pela meta contínua e infindável da libertação dos corpos (GREGOLIN, 2006, p.136).

Por conseguinte, para que se possa compreender em que consiste o jogo das relações de poder, Foucault chama a atenção para as formas de resistência enquanto uma luta. O poder e o saber, também produzidos a partir de um dado momento histórico, constituem o sujeito e dão margem aos processos de subjetivação. “A subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, pela produção da subjetividade que possibilita, em acepção foucaultiana, a objetivação dos sujeitos” (FERNANDES, 2012, p.74).

O poder político, inerente ao discurso político, que visa o sujeito como um objeto de governo é uma dessas formas de poder, que “implica relações de luta, estabelecidas a partir de certo conhecimento. O conhecimento em um sentido amplo, possibilita o estabelecimento de estratégias, como formas de agir sobre as ações dos outros” (FERNANDES, 2012). Essas estratégias se fazem presentes nos discursos que visam o controle e a persuasão dos indivíduos.

Considerando a relação saber/poder, Foucault discute os regimes de verdade em que o saber é construído a partir das relações de poder. Partindo disso, podemos observar os lugares de verdade dos quais falam os sujeitos.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1995, p.10).

Para Foucault, as verdades são constituídas e fundamentadas em relações de poder, da luta dos sujeitos pelo poder, “concomitantemente a esse desejo temos a produção da verdade que não deve estar relacionada com o verdadeiro ou falso, mas com a vontade de saber e, conseqüentemente, com a vontade de verdade” (ASSUNÇÃO, 2017, p.74). Não se tem, então, uma verdade, mas a construção de muitas verdades que se defrontam.

2.2- Um breve delineamento sobre as práticas de justiça

As relações humanas que constituem uma sociedade são regidas por relações de poder, em que o poder é exercido pelos sujeitos mutuamente. Isso significa que ele não é estático, mas configura-se na própria relação entre os sujeitos nos diversos espaços e significações sociais, os constituindo e constituindo a sua subjetividade. Dessa forma, todo indivíduo está sujeito a exercer ou sofrer ação desse poder. Partimos, então, da seguinte questão: de que forma o poder é exercido? Que ações e efeitos podem emergir dele? Essas relações atuam, também, como um mecanismo de disciplina dos corpos. A partir disso, buscamos, nesse espaço, problematizar a representação do corpo como um objeto de poder e controle no ato de punir. Essa ação sofre um deslocamento na sua significação, isso porque em meados do século XVIII a punição que era da ordem da vingança passa a ser da ordem do poder. Como veremos adiante, na obra *Vigiar e Punir* (2013) Foucault traz um estudo sobre a história do nascimento da prisão, evolução do sistema penal e a constituição histórica dos sujeitos nesses deslocamentos.

Para pensar como se sustentam as relações de poder, que atuam como um mecanismo de disciplina e controle dos indivíduos, como o poder é exercido e que efeitos podem emergir dele, observaremos quais as condições que possibilitam a constituição da subjetividade do corpo do “bandido” dentro e fora da prisão.

Em *Abusado* (2003) diversos conflitos são expostos, confrontos, perseguições, mortes e prisões, acontecimentos narrados por quem presenciou e sofreu o castigo, na maioria das vezes perverso, minimizando a intencionalidade da punição como meio de correção. Juliano, assim como outros personagens que fizeram parte da sua trajetória, foram sujeitos à punição que excedia o intuito de disciplinar os corpos.

O poder, que não deve ser entendido como uma subjugação de um sujeito sobre o outro, funciona, também como um mecanismo de controle dos indivíduos por meio de diversos dispositivos. Em *Vigiar e Punir* (2013), Foucault aborda a evolução do sentido da punição, a história da legislação penal, da prisão e da violência que predomina dentro dela.

Uma das questões problematizadas pelo filósofo é a punição como mecanismo de controle e poder, e o corpo como um objeto a ser controlado. O corpo passou a ser alvo de poder a partir do momento em que foi percebido como um objeto de controle.

Sobre isso Foucault (2013, p.132) aduz que,

houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam [...] é dócil um corpo que pode

ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Contudo, busca-se compreender como se estabelecem as relações de força e sentido no sistema prisional, mas também, como a intervenção penal busca corrigir e transformar o indivíduo na sua subjetividade, tornando esse corpo encarcerado um objeto de controle a ser retificado para que se torne dócil e volte a ter funcionalidade.

Segundo Foucault (2013), a partir do século XVIII a punição passou a ter outro caráter; o que antes se limitava a um confronto físico, com intuito de vingança, passou a ser intolerável, e a punição para fins de correção sobrepôs o castigo, ou seja “no pior dos assassinos, uma coisa pelo menos deve ser respeitada quando punimos: sua humanidade” (FOUCAULT, 2013, p.72).

A necessidade do que Foucault (2013) chamou de “castigo sem suplício” emergiu do senso de humanidade, que funcionaria como limite para esse castigo. O homem passa, então, a ser o limite de direito. A punição deixa de ser da ordem da vingança para ser da ordem do poder, sendo assim “o castigo sobre o corpo é aplicado visando a atingir o sujeito e não uma individualidade corpórea” (FERNANDES, 2012, p.60).

Porém, essa mudança no regime judiciário implica intervenções de caráter histórico e social, além do desenvolvimento de outras práticas que fizeram da punição um mecanismo de poder. Isso,

significa uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância; significa uma outra política a respeito dessa multiplicidade de corpos e forças que uma população representa [...] uma tendência para uma justiça mais desembaraçada e mais inteligente para uma vigilância penal mais atenta do corpo social. (FOUCAULT, 2013, p.76).

Com o deslocamento de sentido do direito de punir, o crime e a punição são generalizados, uma vez que envolve o criminoso e, também, o corpo social. Outro aspecto importante que envolve esses acontecimentos são as disciplinas. Estas são constituídas por métodos que permitem o controle dos corpos, que são objetivados pela relação docilidade-utilidade, isto é, “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2013, p.133). Enquanto estratégia de poder, a disciplina é uma forma de dominação. “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos” (FOUCAULT, 2013, p.133).

A constituição da prisão marca a história da justiça penal devido ao deslocamento do castigo de punição, que transgride o suplício e dá margem a novos mecanismos disciplinares, ao mesmo tempo,

ela se constitui fora do regime penitenciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixa-los e distribuí-los, espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de força, treinar seus corpos [...] a forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre o seu corpo criou a instituição-prisão (FOUCAULT, 2013, p.217).

Assim nasce a detenção como uma penalidade. Em *Aparelhos Ideológicos do Estado* (1980), Althusser traz a noção de Aparelho repressivo de Estado, exemplificando com a polícia, que “funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia” (1980, p. 46). Foucault (2013) corrobora ao considerar instituições de confinamento, assim como a prisão, uma estratégia de poder com o escopo de disciplinar e não como um avanço da humanidade.

Alguns aspectos históricos que foram se agregando a esse sistema penitenciário fizeram com que ele se distanciasse daquele idealizado pelos reformadores. Princípios como o do isolamento e da solidão garantem a manipulação e submissão do sujeito presidiário no jogo de sentidos em que se estabelecem as relações de força e poder.

2.2.1 A objetivação e a subjetivação do corpo detento

A quadrilha de Juliano era formada em sua maioria por vizinhos e amigos de infância, sujeitos estigmatizados na sociedade pela condição social e principalmente pelo lugar onde residem. A grande maioria desses sujeitos constituídos e caracterizados pelo espaço que ocupam, vive exposta a inúmeras injustiças e à falta de oportunidades reais para seguirem outros caminhos.

Em *Abusado* (2004), Juliano assim como outros personagens, em especial Brava, quando preso protagoniza acontecimentos que nos permitem observar a subjetivação do sujeito bandido, bem como o poder de punir que recais sobre eles e a subjetivação e objetivação desses corpos no cárcere.

Alguns enunciados desvelam o processo de dominação e violência física e psicológica sofrida por alguns personagens, entre eles Brava, esposa e cúmplice de Paulista, que fazia parte da vida de Juliano e com o tempo se tornou um segundo pai para ele. Paulista estava

sendo observado pela polícia e foi morto a tiros em uma emboscada, logo após uma reunião com os parceiros com quem planejava os últimos detalhes de um sequestro que pretendia fazer, no momento da sua morte “Brava encostou a cabeça do marido sobre o seu peito. O pescoço de Paulista tremia como se estivesse sob o impacto de choques elétricos. Balbuciava as últimas palavras quando Brava foi puxada pelos cabelos e arrastada para o camburão da polícia” (BARCELLOS, 2004, p. 304). Sabendo que Brava era cúmplice do marido, conhecia os outros integrantes da quadrilha e sabia dos próximos passos, os policiais a levaram ilegalmente para a prisão, sob uma forte ameaça física e psicológica, ela foi tratada de uma maneira extremamente violenta para que entregasse os demais.

Te prepara para contar tudo, sua piranha! - disse o policial, enquanto algemava os pulsos dela [...] Os policiais puseram Brava na viatura, e em vez de levá-la para a delegacia, foram interrogá-la na favela do Acari, na zona norte [...] Brava teria sido espancada com socos, pontapés e cacetadas numa rua de acesso à favela (BARCELLOS, 2004, p.304-305).

Na passagem descrita acima, podemos observar o poder de punir que recai sobre o corpo da personagem Brava e que não está necessariamente relacionada ao sistema penitenciário. Podemos observar, também, a utilização do poder como uma forma de dominação e repressão. “Os espancamentos e a simulação de tortura duraram perto de uma hora [...] mas, nenhuma mulher ou criança apareceu para fazer pressão, como costuma acontecer durante as ações policiais nas favelas” (BARCELLOS, 2004, p.305). A tortura continuou quando Brava foi levada para a Delegacia Antissequestro.

Horas depois, Brava foi levada para a carceragem da Delegacia Antissequestro, que tinha a fama, entre os prisioneiros, de ser uma central de torturas escabrosas. Arrastada sob a chave de braço do policial, ela imaginou que estivesse sendo conduzida para uma sala especial de espancamento de mulheres. Cerrou os dentes e, pensando no que fizeram com o marido, decidiu continuar se negando a falar tudo que sabia. Num lugar escuro e fétido, três policiais rasgaram suas roupas e puseram-na de bruços sobre um velho banco de madeira e passaram a bater em suas costas e nádegas com um cassetete de alumínio por mais de uma hora (BARCELLOS, 2004, p.305-306).

Há uma relação corpo/sujeito em que este corpo enquanto objeto é alvo de poder, todavia o castigo executado não implica somente o corpo físico, mas também o corpo social. É explícito o jogo das relações de poder na citação acima, uma vez que, o sujeito policial ou delegado na sua função de punir, faz uso do poder para executar o castigo corporal visando a

submissão e subjetivação do corpo da personagem. Contudo, Brava ainda presa se recusa a falar e a entregar os outros integrantes da quadrilha do marido, mantendo a resistência diante da desumanidade a que está exposta.

Os espancamentos teriam se sucedido durante alguns dias, até Brava ficar com as pernas imobilizadas e apresentar intenso sangramento [...] Única mulher na carceragem, era obrigada a dormir nua no chão de cimento do corredor entre as celas dos homens, sem luz, sem banheiro, sem comida [...] Brava correu sério risco de morrer por hemorragia, infecção, fome e sede. Foi salva pela solidariedade dos presos. Durante as sessões de espancamento eles gritavam que era covardia, batiam objetos nas grades em sinal de protesto. Nos intervalos da tortura, recortavam garrafas de plástico para improvisar uma pequena colher e servir gotas de água em sua boca, evitando a morte por desidratação (BARCELLOS, 2004, p. 306).

Brava continuou resistindo e não havendo provas do seu envolvimento com a quadrilha do marido, a polícia teve que soltá-la, assim que foi descoberto que a sua prisão era clandestina.

A representação da posição-sujeito da personagem e os acontecimentos discursivos que constituem a sua subjetividade nos mostra que a punição sem suplício idealizada pelo sistema penal, na prática, se configura falaciosa. A partir da análise aqui proposta concluímos que a constituição da subjetividade e, conseqüentemente, do corpo do bandido, como acontece com Brava, Paulista, Juliano e outros, vai além da punição pelos crimes cometidos, pois observamos situações de extrema violência que recaem sobre esses corpos. A subjetivação do sujeito/bandido e o poder de punir que recai sobre ele não estão, necessariamente, relacionados ao sistema penitenciário com a intencionalidade de correção, mas a constituição dessa subjetividade permite que esses corpos sejam classificados e significados da mesma forma no corpo social.

Nas penitenciárias, ao serem presos, esses corpos, sujeitos de direitos e deveres, a princípio dignos de respeito considerando a sua humanidade, sofrem diversas formas de violência que passam pelas condições indignas nesses espaços de reclusão, pelos confrontos e disputas de poder dentro dela e pela deturpação e omissão da administração carcerária.

Na análise dos enunciados, por meio das relações entre o sujeito e o poder, podemos observar as formas de resistência e a sua representação, isto é, de que forma ela se estabelece no jogo das relações de poder. “Para compreender em que consistem as relações de poder é necessário analisar as formas de resistência, as lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo” (GREGOLIN, 2006, p. 137).

No seu estudo sobre a história da prisão, Foucault (2013) aponta que a punição com suplício se tornou intolerável e a partir daí a punição sem o intuito de vingança passou a ser considerada. A evolução desse processo resultou na legislação penal que tem como função punir os indivíduos pelos crimes cometidos. Todavia, pudemos observar, nos enunciados citados anteriormente, uma ação inversa ao sentido da penalidade já reformada. Isso fica claro, na ação violenta e cruel do corpo policial que pune com suplício, burlando as leis com o intuito de higienizar certos espaços, isolando os corpos criminosos.

No capítulo seguinte em que propomos a análise da constituição do sujeito bandido poderemos observar como a objetivação e subjetivação do corpo o constitui um sujeito discurso, a partir da construção e desconstrução de sentidos.

CAPÍTULO III

JULIANO VP E A CONSTITUIÇÃO DE SUA IDENTIDADE: A (DES) HUMANIZAÇÃO DO SUJEITO BANDIDO

Neste momento da nossa pesquisa, faremos a análise da constituição do sujeito discursivo Juliano VP, personagem principal da obra *Abusado* (2004), de como a sua relação com o morro, com a sua própria identidade, constituem a sua subjetividade. A partir disso o seu discurso sofre algumas mudanças, contrapondo-se ao comportamento esperado para um traficante da época, meados de 1998. Intencionamos uma explanação dos diferentes espaços, lugares de fala e relações de poder que o constituem sujeito, bem como, o seu relacionamento com a família, com a comunidade e também com a quadrilha que comandava.

3.1 Juliano VP, o dono do morro.

A obra que constitui o nosso objeto é iniciada com a cena de um confronto entre o grupo de Juliano e a polícia, em que o personagem principal é baleado e os companheiros desistem de enfrentar o inimigo, pois a prioridade é salvar a vida do chefe. Eles fogem arrastando Juliano pelo meio do mato, que acredita estar morrendo. Nesse primeiro fragmento de *Abusado* (2004) temos uma breve descrição física de Juliano e os primeiros socorros prestados a ele enquanto ainda se encontrava confuso por conta dos ferimentos. A ordem dada era para que os moradores não deixassem se espalhar a notícia de que o dono do morro havia sido ferido, a fim de que não chamasse a atenção da polícia.

As crianças ignoram as ordens e correm pelas vielas para espalhar a novidade:

- O Juliano VP tá morrendo!

Não por acaso o lugar escolhido para esconder Juliano é a casa de Madá, mulher do birosqueiro Osmar, uma mulher de confiança e que guarda segredos antigos da quadrilha dele. Ela os recebe à luz de velas, tira os gatos do sofá para Juliano deitar, com o cuidado de manter a cabeça dele erguida, apoiada num monte de almofadas e travesseiros. Ela olha em silêncio o jovem que conhece desde a infância, o filho da comadre Betinha. Quer protegê-lo como fazia quando a mãe dele, auxiliar de enfermagem, tirava plantão no hospital psiquiátrico Doutor Eiras e não tinha onde deixar Juliano. Ainda tem lembranças muito vivas do moleque franzino, que tinha os cabelos encaracolados, pele morena, olhos repuxados como os dos orientais, nariz e lábios grossos característicos dos negros. Para Madá, nem parece que Juliano virou um homem de 29 anos, um metro e setenta e dois

de altura, que usa cavanhaque e costeleta e que continua parecendo metade negro, metade japônês. Madá não consegue separar a figura do chefe do morro daquela do menino que viu crescer, tão de perto, sobretudo neste momento em que ele está fragilizado pelo ferimento na cabeça que não para de sangrar. O sangue impressiona, assusta o próprio Juliano:

- Diz, Madá. Tô morrendo ou não tô?

Mada o ajuda a tirar o colete molhado de suor e sangue. Limpa com um pedaço de pano um pouco das placas vermelhas do cabelo e do rosto, para ver melhor os ferimentos. De repente, Juliano se apavora e tem um ataque de desconfiança. Interrompe o atendimento de Madá, levanta-se do sofá e avisa ao pessoal que quer mudar de esconderijo (BARCELLOS, 2004, p.20).

Foucault (1995), na sua pesquisa para compreender os diferentes modos pelos quais os seres humanos constituem-se sujeitos, e de que forma acontece a objetivação destes, traz o conceito de práticas divisoras. “O sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros [...] Este processo o objetiva” (1995, p.231). A partir das considerações de Foucault, podemos observar que essas práticas divisoras, causam certa dualidade na objetivação dos sujeitos, tipificando e distinguindo, por exemplo, o criminoso do homem de bem. Partindo também da conjectura de que esses sujeitos são construídos sob uma exterioridade que constitui a sua subjetividade, estes são estereotipados atendendo a um modelo pressuposto.

Foucault (2009) mostra que o sujeito aparece no discurso como uma função, segundo ele,

Trata-se de inverter o problema tradicional. Não mais colocar a questão: como a liberdade de um sujeito pode se inserir na consistência das coisas e lhes dar sentido, como ela pode animar, do interior, as regras de uma linguagem e manifestar assim as pretensões que lhe são próprias? Mas antes colocar essas questões: como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar ele pode ocupar em cada tipo de discurso, que funções exercer, e obedecendo a que regras? Trata-se, em suma, de retirar do sujeito (ou do seu substituto) seu papel de fundamento originário, e de analisá-lo como uma função variável e complexa do discurso (FOUCAULT, 2009, p.287).

Na cena de Abusado (2004) explicitada acima, podemos observar nos fragmentos “Ela olha em silêncio o jovem que conhece desde a infância, o filho da comadre Betinha” e “Madá não consegue separar a figura do chefe do morro daquela do menino que viu crescer, tão de perto”, que a relação entre Juliano e Madá ultrapassa as posições que ambos ocupam naquele espaço, ao recordar as lembranças que tem de Juliano, Madá nos apresenta um jovem que teve uma infância comum, mesmo com os conflitos familiares, recorrentes nos mais variados âmbitos familiares, o que acaba desmistificando essa figura em meio a toda a cena de

sofrimento e violência, apesar de tudo isso ela considera que ele não cresceu e vê nele a fragilidade que não coaduna com a posição que ocupa. Na citação a seguir temos uma exposição da relação de Juliano com os pais, quando ainda criança, mas que resultou no seu desejo de fugir da companhia do pai.

Para Juliano, Copacabana, em 1986, também representava uma oportunidade de fuga da opressão paterna. Os conflitos com o pai, Romeu, nunca foram explícitos. Juliano foi educado para não reclamar e não chorar mesmo quando era surrado. O filho obedecia. Ele tinha sete anos quando o pai o agrediu com um soco no peito, tão violento que o lançou contra a geladeira, amassando a porta. Em vez de choro, apenas um comentário com a mãe, Betinha, testemunha da cena:

- Papai mostrou que é forte mesmo, hein, mãe! [...]

Só depois que entrou para a escola, aos oito anos, passou a conhecer um pouco alguns vizinhos, mas sempre sob estreita vigilância. Estudava pela manhã. À tarde era obrigado a ajudar o pai e a mãe na birosca, sem receber pagamento algum. Na birosca, Juliano assistia diariamente à transformação do pai. Pela manhã, quando estava sóbrio, Romeu era ativo, disciplinado, rigoroso com a higiene do bar e de pouca conversa com a mulher e os fregueses. À tarde, quando começava a beber rabo-de-galo, uma mistura de pinga com vermute, perdia a disposição para o trabalho e o bom humor (BARCELLOS, 2004, p. 60-61).

Ainda nessa perspectiva, outro ponto importante a ser problematizado, no fragmento anterior, é o medo que Juliano tem da morte através do sangue, sentimento comum a todas as pessoas, isso fica claro no enunciado “o sangue assusta Juliano”. A partir dele podemos notar uma contradição, pois, apesar do poder que tem, ele sente medo da morte, apesar desse poder e de toda a violência que envolve esse acontecimento, os seus sentimentos são colocados à mostra, sentimentos estes comuns aos seres humanos.

No último enunciado em que Juliano interrompe o atendimento de Madá, dizendo que quer “mudar de esconderijo”, se trata de um desejo que nasce a partir do momento em que ele se dá conta de que ao chegarem até onde estavam podem ter deixado rastros de sangue, o que facilitaria à polícia que o encontrasse. Contudo, podemos observar um reflexo de autodefesa, posicionamento esse que reflete um ato de proteção da própria vida e reafirma o sentimento de medo e angústia que Juliano vivia naquele momento de risco.

A falta de notícias de Juliano e as reportagens que relatavam o confronto entre o seu grupo e a PM do Rio, preocupava Luana, a namorada de Juliano que esperava ansiosa por informações sobre ele.

No apartamento confortável da Gávea, Luana não consegue se concentrar na leitura do romance *Aurora*, de Fritz Utzeri. Está ansiosa. Espera o

telefonema combinado para as nove horas da noite e já passam das dez. Não é a primeira vez que o namorado bandido a deixa esperando, coisa que a incomoda e, ao mesmo tempo, preocupa-a. A falta de contato pode representar desinteresse. Mas ela sabe que também pode ser consequência de algum imprevisto da aventura do dia. No telefonema da manhã, Juliano a havia alertado:

- Minha paixão! Hoje é o dia mais importante do morro. A missão tem que dá certo, práí, depois, eu te encontrá à noite... reza por nós!

Criada numa família rica, Luana nunca entrara numa favela até conhecer Juliano, havia menos de um ano (BARCELLOS, 2004, p. 21).

Luana é uma jovem que gosta muito de ler, estudar e fazer versos. Moradora do bairro da Gávea, na Zona Sul do Rio de Janeiro, localizado entre a encosta do Morro Dois Irmãos e a margem da lagoa Rodrigo de Freitas, conhecido por ser um bairro charmoso e tranquilo, jamais havia se envolvido com alguém fora da realidade em que vivia. A distância entre Juliano e a namorada não era só logística, mas também social e cultural. Através dela ele pode conhecer outra realidade, longe da violência e dos problemas que envolviam a comunidade, teve contato com outras referências musicais e se apaixonou por obras literárias.

No excerto acima, o enunciado “reza por nós” evidencia como a exterioridade constitui a subjetividade de Juliano VP, a crença em uma força superior que pode protegê-los nos momentos de perigo sinaliza a espiritualidade de Juliano, espiritualidade essa que é demonstrada em diversos momentos da sua vida, como veremos adiante. O fato de o chefe do grupo pedir oração pode denotar que ele sente receio do que pode acontecer ao enfrentarem o grupo inimigo, sente medo das situações adversas que podem surgir pelo caminho.

Sabendo que o sujeito é produto histórico, construído a partir de processos de subjetivação, e que esses aspectos emergem em seu discurso, podemos problematizar a mobilização do enunciado “reza por nós” a partir da compreensão do que se entende por redes de memórias, como já mencionamos anteriormente. Segundo Gregolin (2007, p.71), “as redes de memórias, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam intensamente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente”. Pensando o enunciado “reza por nós”, a partir da questão da memória, podemos considerar que ele possibilita um efeito de sentido relacionado ao medo e à necessidade de se assegurar em poderes divinos.

As mulheres têm uma representação marcante na vida de Juliano, assim como Madá e Luana, a melhor amiga e confidente, além de ser a única integrante mulher da sua quadrilha, Luz esperava por notícias do amigo. Os dois se conheceram na primeira vez em que Juliano foi preso, aos 16 anos, ela que estava por perto avisou a família e se juntou à mãe dele durante

toda a noite para pressionar os policiais e evitar que houvesse algum tipo de tortura ou abuso por parte deles. Nos momentos de conversa tentou passar um pouco da sua experiência na cadeia, dando conselhos de como ele deveria agir se fosse vítima de torturas físicas e psicológicas, caso ficasse preso. Ao ser liberado, logo pela manhã, já amigos, Luz relatou a Juliano a vida dura que teve, morando na rua desde os nove anos de idade. Apesar de terem histórias diferentes, os dois tinham alguns pontos em comum, como a origem nordestina e um histórico familiar marcado por brigas devido ao abuso de álcool. Das trocas de confidências e da identificação que tiveram um com o outro, nasceu uma confiança que fez de Luz a maior conselheira de Juliano e a única mulher a quem confiava os seus planos e segredos, a ponto de, futuramente, dar a ela um cargo na sua organização.

Luz é a única mulher com cargo de confiança de Juliano. Odeia armas, guerras, brigas, se envolver diretamente com a violência, mas adora ser amiga dos malandros e criminosos. Nos dias de combate, fica na retaguarda, pensando na estratégia, tomando providências. Na hora da emergência, quando há esperança, é ela quem providencia o socorro (BARCELLOS, 2004, p. 22).

A partir do fragmento acima, abriremos um pequeno espaço para pensarmos a posição-sujeito mulher dentro de uma quadrilha. Por ser a única envolvida diretamente no funcionamento do grupo de Juliano, Luz representa o sujeito mulher em diversas esferas da sociedade, e como determinadas situações proporcionam a objetivação desses corpos.

Os sujeitos que permeiam esses acontecimentos de violência e perigo são, em sua maioria, homens, ainda que haja a participação de mulheres, isso nos leva a pensar algumas questões como, por exemplo, de que forma se dá essa participação feminina nas quadrilhas de tráfico de drogas ou como esses sujeitos se constituem objeto. Como já mencionamos nos capítulos anteriores, tendo em vista que o sujeito discursivo é uma função, isto é, uma posição a ser ocupada nos discursos (Foucault, 2013), podemos observar como significam as relações de força e poder que atravessam esses sujeitos, principalmente no que se refere ao gênero e à retificação desses corpos. Isso porque a desigualdade de gênero está ilustrada também, nesses acontecimentos, onde predomina uma hierarquia de funções, uma subordinação, que permite a subjetivação dessas mulheres, expostas a diversos tipos de violências, físicas e psicológicas. Luz tinha como função pensar nas estratégias e tomar providências nas horas de emergência, o que a poupava de uma conexão direta com a facção. Assim como Luz, Brava, esposa de Paulista, traficante e sequestrador, membro do comando vermelho, tinha o papel de planejar juntamente com o marido os sequestros de grandes empresários e banqueiros. Com a morte de

Paulista, ela foi encarcerada, espancada e submetida a diversos métodos brutais de tortura para entregar os nomes dos outros membros. Dessa forma, podemos então observar como se materializa o papel dessas mulheres no tráfico, nas relações sociais e a participação ínfima que têm nessas organizações, e como se tornam vulneráveis no processo de combate ao tráfico.

Luz, juntamente com Kevin, que era fuzileiro naval e voluntário dos grupos de primeiros socorros da Cruz Vermelha Internacional, amigo de Juliano e principal aliado nos momentos em que algo dava errado nos planos da quadrilha, buscavam uma solução para tratar do amigo ferido. Após muita angústia, conseguiram um médico que se dispôs a subir o morro e examinar Juliano, foi então que constatou que o tiro havia sido de raspão e precisava apenas de alguns cuidados. No dia seguinte, já mais calmo, Juliano faz uma oração de agradecimento.

De frente para o espelho, Juliano agradece o sucesso da cirurgia com uma oração:

- Obrigado, meu Pai, por mais um dia nesta tua terra maravilhosa. E por nos conceder esta liberdade... que esta misericórdia se estenda por muitos e muitos séculos..., e que o mal jamais vença o bem! (BARCELLOS, 2004, p.27).

E em seguida, agradece ao médico: “Precisando qualquer coisa lá no asfalto, é só pedi. Aqui em cima tá mais perto de Deus! (2004, p.27).

Nos enunciados acima podemos observar, mais uma vez, a manifestação da espiritualidade de Juliano. Um aspecto a ser problematizado nesse excerto é o enunciado “liberdade”, que causa uma contradição com o contexto em que as coisas se sucederam e a forma como vivem esses sujeitos envolvidos na criminalidade.

Para pensarmos a liberdade em Foucault, mesmo que em sua teoria ele não se volte completamente para essa questão, podemos refletir sobre, a partir de suas considerações sobre as relações de poder. Para o filósofo a compreensão de liberdade se dá como uma possibilidade de resistência ao poder, como uma estratégia própria do jogo de poder. Sobre isso Dreyfus e Rabinow (1995), em Michel Foucault, uma trajetória filosófica, afirmam que:

[...] a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a

um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244).

Segundo o pensamento foucaultiano, a liberdade é uma prática e deve ser pensada como positividade e não apenas como uma submissão à coação externa, pois a partir dela há a possibilidade de mudança, visto que o homem é um ser social. Dessa forma, retomando o contexto em que Juliano profere o enunciado “liberdade”, podemos compreendê-lo como uma prática da própria liberdade, isto é, como uma forma de resistência, tendo em vista que ela é um elemento sem o qual o poder não existiria, isso porque, para o filósofo, o poder só pode ser exercido sobre sujeitos livres, os quais tenham possibilidades de reações e condutas que rompam as regras estabelecidas pelos de jogos de poder.

No enunciado “Aqui em cima tamo mais perto de Deus!” Juliano faz uma referência ao morro em contraposição ao restante da cidade que ele chama de asfalto. Em outro momento, adiante, faremos uma reflexão sobre o espaço favela e como ele constitui os sujeitos, uma vez que eles apresentam em seu discurso elementos que remetem ao espaço social em que vivem.

O espaço constitui a subjetividade de Juliano e, através disso, podem emergir diversos efeitos de sentidos. A favela se configura na obra como um espaço deixado no esquecimento, à margem dos cuidados básicos que tem os demais ambientes de uma cidade.

Escondidos no coração da região mais rica da cidade, a zona sul, os moradores da Santa Marta viviam há 53 anos sem uma única escola ou hospital e sem ter nenhum dos 84 becos pavimentado pela Prefeitura. Toda a cobertura de concreto dos becos era obra dos mutirões. Desde 1935, início da ocupação, o esgoto corria em grandes valas a céu aberto e não havia coleta de lixo eficaz [...] Sem qualquer tipo de combate, ratos e baratas conduziam mais sujeira, mais doença. Por causa da falta de higiene, os idosos tinham diarreia crônica e as crianças sofriam das mesmas doenças dos vira-latas: eram atacadas por piolhos e pela epidemia de sarna. A mortalidade infantil era duas vezes maior que a vergonhosa média nacional. Morte de bebês subnutridos parecia não preocupar quem não morava no morro. As crianças da Santa Marta, como Carlinha do Rodo, precisaram mostrar que podiam matar para atrair a atenção da cidade (BARCELLOS, 2004, p. 115-116).

Esses discursos acerca do espaço favela são evidenciados em outros espaços, inclusive na mídia, além de observar as relações saber/poder que permeiam nos discursos acerca dessa temática da criminalidade. A partir das reflexões de Foucault sobre o espaço, podemos observar que ele não só se configura como uma localização geográfica, mas representa

relações de oposição em diversos aspectos. É possível notar que há uma divisão entre esse espaço e os demais pontos de um centro urbano, que reflete na polarização, também, da sociedade. A representação da favela que emerge da relação sujeito/espaço sofre deslocamentos de sentido e o sujeito não só é constituído por ele, circulando sempre nos mesmos espaços marginais e permanecendo na exclusão, mas também o modifica.

No texto intitulado *Outros Espaços* (1984), Foucault faz um delineamento da história do espaço na Idade Média. O filósofo problematiza a sacralização do espaço como um conjunto hierarquizado de lugares. Ele apresenta uma dualidade que caracteriza os espaços como sagrados e profanos, protegidos e sem defesa, urbanos e rurais. Em seus textos que tratam do espaço, também procura problematizar como os dispositivos de poder atuam nos diferentes lugares. Como já mencionamos anteriormente, a favela e a relação de Juliano com o morro constitui a sua subjetividade. Do enunciado “Aqui em cima tamo mais perto de Deus!” pode emergir a ideia de que Deus, na concepção de Juliano, está mais perto do seu povo, que tanto sofre com o descaso do Estado, além de fazer referência à localização espacial dos morros que ficam nos arredores da cidade e nas partes mais altas “próximos do céu”. Esse efeito de sentido causa certa ambiguidade, uma vez que o céu tem uma conotação historicamente positiva a partir das histórias bíblicas, enquanto os morros e favelas estão carregados de sentidos negativos por conta dos discursos midiáticos sobre essa temática, já mencionados anteriormente.

Assim que começou a se envolver nas guerras dos morros, Juliano enfrentou diversos momentos de muito perigo, sempre arriscando a vida em nome do morro Dona Marta, do qual almejava estar algum dia no comando. A família procurava intervir nas suas relações com os demais traficantes, porém Juliano já estava completamente envolvido nos planos da Santa Marta. “- Quero meu filho (Juliano) vivo. Ele só tem 17 anos [...] - Então tá ficando velho. Traficante bom morre com 15 (Zaca)”. (Barcellos, 2004, p.135). Esse enunciado de Abusado relata um pensamento comum e já instituído no imaginário da sociedade, o de que as pessoas envolvidas com o crime não podem ter uma expectativa de vida maior, como se o fato de serem criminosas as fizessem menos vítimas da violência causada pelo mercado do narcotráfico. A postura do traficante Zaca coaduna, de certa forma, com os discursos que emergem na sociedade e que legitimam a segregação dos corpos matáveis dos não matáveis. Podemos observar uma seleção, dentro do próprio mecanismo da criminalidade, dos bandidos bons e dos não tão bons assim. Se olharmos sob o ângulo da ética, podemos observar que a desumanização desses sujeitos justifica a prática de “higienização” social. Isso naturaliza a

dizimação de uma juventude que por diversos motivos se envolvem na criminalidade, os desclassificando como seres humanos.

Segundo Alves (2005),

À perversidade intrínseca dessa “limpeza” absurda acrescenta-se um nível de sadismo comum, quase indescritível, nas violações dos direitos humanos registrados em sua execução, apenas contemplável pela razão humana na medida em que a desrazão prevalente descartasse a condição humana das vítimas (ALVES, 2005, p. 08).

Foucault, na obra *Em defesa da sociedade* (1999), problematiza a questão do biopoder. O filósofo trata do poder como um elemento que faz da vida um objeto de regulação.

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a "população" enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de "fazer viver". A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer. Eu creio que a manifestação desse poder aparece concretamente nessa famosa desqualificação progressiva da morte, na qual os sociólogos e os historiadores se debruçaram com tanta frequência. Todo o mundo sabe, sobretudo desde (FOUCAULT, 1999, p.294).

Foucault (2009) faz um delineamento do poder soberano e do funcionamento do que ele chama de biopoder, no sentido de proteção e regulamentação da vida, ele explicita o deslocamento do sentido de fazer morrer e deixar viver, para, sob a ótica do biopoder, fazer viver e deixar morrer. À frente ele problematiza algumas questões que divergem da lógica do biopoder.

Então, nessa tecnologia de poder que tem como objeto e como objetivo a vida (e que me parece um dos traços fundamentais da tecnologia do poder desde o século XIX), como vai se exercer o direito de matar e a função do assassinio, se é verdade que o poder de soberania recua cada vez mais e que, ao contrário, avança cada vez mais o biopoder disciplinar ou regulamentador? Como um poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida, de prolongar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências? Como, nessas condições, é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos mas mesmo seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? Como exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder? (FOUCAULT, 1999, p.304).

Para exemplificar esse contrassenso no funcionamento do biopoder, Foucault discorre sobre a questão do racismo. Para ele, o racismo aparece, nesse contexto, como um mecanismo do poder a partir da emergência do biopoder. Para o filósofo, o racismo “é, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (‘1999, p. 304). Ele reafirma dizendo que o surgimento, distinção e hierarquização das raças, a classificação de umas como boas e outras inferiores, acaba fragmentando e defasando a população em grupos. Pensando nessa dualidade do bom x ruim, podemos aplicar essa linha de pensamento de Foucault sobre o racismo, à discriminação pelo lugar de origem e pela classe social dos sujeitos, como ocorre em nosso *corpus* de análise. Trazendo novamente o enunciado em questão “- Quero meu filho (Juliano) vivo. Ele só tem 17 anos [...] - Então tá ficando velho. Traficante bom morre com 15 (Zaca)”. (Barcellos, 2004, p.135), podemos observar, a partir do que foi exposto, que há a internalização do discurso de preservação de algumas vidas em detrimento do sacrifício de outras, o enunciado “traficante bom morre com 15” reafirma o discurso de que traficante deve/pode morrer.

Em um dos diversos confrontos com grupos rivais da própria comunidade e aliados de outras, Juliano perdeu o controle e foi obrigado a deixar o morro. Perdeu o convívio com a família, mas encontrou no casal Paulista e Maria Brava uma nova família. Eles moravam no morro do Cantagalo, em Copacabana, e já tinham um histórico no crime. Juliano foi convidado para morar com eles e os quatro filhos que tinham, uma vez que já tinham lutado juntos em outras ocasiões e Paulista havia ficado impressionado com a desenvoltura e maturidade de Juliano ao lidar com situações difíceis. Além dele, outros quatro jovens expulsos do Dona Marta foram acolhidos pelo casal. Durante uma conversa com a esposa, Paulista expôs uma preocupação que tinha em relação ao novo integrante da família.

- Me preocupa o futuro desse moleque, Brava - disse Paulista.
- É, ele já tem 17 anos e ainda não passô da quinta série - constatou Brava.
- Não é disso que tô falando, Brava. Escola, trabalho... nunca vão sê o caminho dele. Acho que ele nasceu para sê bandido.
- Sei, não. Essa molecada de hoje tá vindo muito frouxa. Acho melhor cuidá dos estudos, prepará pra um outro tipo de vida (BARCELLOS, 2004, p.136).

Além dessas preocupações com o futuro de Juliano, “Paulista também mostrou a Juliano a importância do apoio da família nos momentos mais difíceis da vida dos bandidos” (Barcellos, 2004, p.140).

Os enunciados “ele já tem 17 anos e ainda não passô da quinta série” e “Escola, trabalho... nunca vão sê o caminho dele” coadunam com a problematização feita sobre o enunciado anterior. Ambos sinalizam a falta de perspectiva daqueles que nascem em uma favela, sem muitas alternativas para seguir outros caminhos, de frequentarem uma escola ou adquirirem um emprego no mercado formal de trabalho. Se iniciam os estudos não conseguem seguir e finalizar, pois logo, devido à extrema pobreza, se envolvem em organizações criminosas que garantem a eles o acesso ao que nunca tiveram antes. Situações como essa têm diminuído devido às ONGs e projetos sociais que têm levado uma nova perspectiva de vida a esses jovens. O seguinte enunciado retirado do documentário “*Santa Marta: Duas Semanas no Morro*” (1987), sobre a violência e a guerra no morro Dona Marta, explicita a forma como os jovens veem a relação escola/trabalho para um morador de uma favela, eles relatam seus sonhos profissionais, mas ao mesmo tempo acreditam veementemente que a realidade que vivem não permitirá a realização desses sonhos.

Uma pessoa como a gente, pobre, já não consegue ir pra faculdade porque precisa de dinheiro e dinheiro é difícil, pra gente é difícil, porque eu penso assim, porque não faz uma faculdade pra gente, que já não pode pagar o negócio, já não pode pagar uma escola mais viva, sabe? Dinheiro vivo não tem. E trabalho pra mim? Trabalho é difícil. Porque o trabalho que eles querem dá pra gente é um trabalho que a gente não quer, eles querem que a gente continue sendo gari, continue sendo o que a gente não é. A gente não quer ser isso. Eu pelo menos queria ser um desenhista profissional, posso não conseguir, se eu não conseguir, pra mim é aquele lance, né? Sou pobre não vou me ligar tanto. Só isso. (Santa Marta: Duas Semanas no Morro, 1987).

Esse depoimento de um jovem morador da favela Santa Marta coincide com o enunciado recortado do nosso *corpus*, o de que estudar e ter uma profissão é uma possibilidade quase remota para eles, e que esse seria o caminho mais difícil, devido ao descaso e desamparo do Estado.

Ao assumir o comando, em uma de suas negociações com um grupo de policiais, “para demonstrar tranquilidade e confiança, Juliano se aproximou cantando uma música de sua banda preferida, Legião Urbana. “Que país é esse? Que país é esse?...” (BARCELLOS, 2004, p.193).

A preferência musical de Juliano VP nos chama a atenção devido à divergência com o gosto musical da maioria da comunidade, que optam pelo funk, ritmo oriundo das favelas cariocas, ou rap que também traz nas suas letras um forte apelo sobre o funcionamento do sistema capitalista, por exemplo. Legião Urbana é uma banda de rock brasileira, criada em 1982, que tinha no vocal Renato Russo. O grupo possui um forte engajamento político-social, e as letras das músicas são responsáveis por críticas a diversas esferas da sociedade brasileira.

A música cantada por Juliano, "Que país é esse? Que país é esse?...", que deu nome a um dos álbuns da banda, apresenta uma letra crítica, que questiona as mazelas sociais do Brasil. Ao demonstrar o gosto por essa canção, Juliano VP, expressa o seu posicionamento em relação ao descaso em que vivem e reafirma o seu interesse em lutar por melhorias para o meio em que cresceu.

Na comunidade Santa Marta, Juliano representava a oportunidade de melhoria do espaço e das condições de vida dos moradores da favela, uma vez que tinha uma participação direta nos problemas sociais que envolviam o morro Dona Marta. A comunidade o admirava e confiava nele que demonstrava uma preocupação social e ânsia por uma melhor condição de vida para o seu povo.

O dono do morro, como ficou conhecido, fugia ao estereótipo do bandido frio e cruel, com um comportamento que desconstruía a imagem atribuída a ele pela mídia e que influenciava diretamente no imaginário da sociedade. O sonho de Juliano era fazer uma faculdade e ser um desenhista profissional, porém não conseguiu devido às limitações "inerentes" de quem é morador de uma favela. Ainda assim aprendeu outras línguas, tocava instrumentos e tinha uma grande admiração por Che Guevara por meio do qual se empoderou de um forte discurso social.

No primeiro ano na gerência da boca, além de fiador, Juliano foi uma espécie de diplomata. Dialogava com as lideranças do morro, ouvia as queixas dos jovens do samba, contava longas histórias para os mais idosos, brincava de empinar pipa com as crianças, visitava as creches, rezava nas duas igrejas católicas, frequentava terreiros de umbanda, participava de algumas mesas de carteados e adorava estar disponível para atender aos diversos pedidos da comunidade, sobretudo quando eles vinham das mulheres a quem confiava com mais frequência o relógio que ele dizia ser idêntico ao de Che Guevara (BARCELLOS, 2004, p.209).

O enunciado acima demonstra o comportamento de Juliano, logo que assumiu a gerência. Ele procurava suprir as necessidades das pessoas da comunidade, dando assistência em tudo que precisavam, procurava estar sempre presente em espaços diversos, mas também

não escondia o encantamento em ter certo poder nas mãos. O seu interesse e admiração por Che Guevara é algo que nos chama atenção, podemos observar na sua posição/sujeito militante, influências do guerrilheiro.

Ernesto Guevara, revolucionário marxista que contribuiu para a implantação do regime socialista em Cuba, lutou por sociedades mais justas também em outros países. É uma figura histórica que ficou marcada como símbolo de rebeldia e subversão. Era médico, nascido em uma classe média, deixou tudo para lutar contra regimes opressores. Assim como era considerado por muitos, Juliano o tinha como um herói e diante disso podemos observar que o seu discurso revolucionário e extremamente empoderado teve forte influência na constituição da subjetividade de Juliano.

Na associação, Juliano teve as primeiras atividades organizadas de esporte e lazer, e de todas guardava boas lembranças. Também jamais esquecera dos bons momentos vividos nas colônias de férias de inverno e de verão patrocinadas pela entidade. Assim como das excursões, que o levaram a conhecer lugares distantes da favela e a ter acesso às competições de vôlei e futebol nas areias da praia do Leme. A Associação também representou, para Juliano, contato com cultura e política. Ali participara, pela primeira vez, de um debate sobre campanha eleitoral, um aprendizado das técnicas de discussão em assembléias. E descobrira a paixão pela literatura e o cinema (BARCELLOS, 2004, p.233).

O contato com a cultura e com a política, a paixão pela literatura e pelo cinema, são aspectos que despersonalizam o sujeito criminoso em nosso *corpus*, uma vez que todos esses comportamentos não rasuram o imaginário social se observados em outros espaços e em outros sujeitos, que não as favelas e os seus ocupantes.

O posicionamento de Juliano diante de vários acontecimentos e que explicitam esse comportamento peculiar chamou a atenção de vários intelectuais e jornalistas dos quais costumava ganhar livros e também conversar e dar entrevistas utilizando um discurso articulado, exteriorizando preocupações sociais.

Durante uma viagem para Recife, Juliano conheceu a jovem Ana Débora, com que viveu um breve romance. Ela era carioca, de família de classe média alta, estava de férias com uma amiga para esquecer um casamento que durou três anos. A coincidência aproximou os dois, que passaram a trocar confidências.

Em uma dessas conversas,

Juliano explicou em detalhes a história da viagem. Aos poucos passou a responder, de forma vaga, às perguntas sobre as coisas mais importantes de sua vida. Contou que gostava de ler, desenhar, tirar fotografias, comer arroz com feijão logo que acordava e antes de dormir, fumar baseado, escrever cartas, que um dia pretendia escrever um livro e tocar um instrumento. E que fazia um curso de saxofone, com um professor particular, que ia ao seu encontro duas vezes por semana (BARCELLOS, 2004, p.246).

Ao revelar à Débora o que realmente fazia, que era um narcotraficante, Juliano teve medo de sua reação, de ser julgado, porém ela o ouviu atentamente e no final ela sorriu e agradeceu a ele por ter confiado nela.

- No fundo eu sabia que você era um homem diferente dos outros. Acho que foi isso o que mais me atraiu em você.
- Pois é, Débora. O problema é que eu sô bom no que faço.
- Quer dizer que você gosta do que faz?
- É minha vida. Tudo o que tenho está lá no morro: minha mãe, minhas irmãs, meus filhos, meus amigos, meu saxofone, meus instrumentos de guerra... Só o meu pai tá fora, foi expulso de lá num rolo com os alemão (BARCELLOS, 2004, p.248).

No primeiro excerto Juliano revela a Débora algumas peculiaridades da sua vida, já explicitadas por ele em outros momentos da narrativa. O enunciado “saxofone” que aparece nas duas citações acima merece uma atenção especial, no sentido que ele pode significar, como tantos outros, um ato de resistência de Juliano.

O saxofone é um instrumento musical inventado em 1841, por um judeu belga, Adolphe Antoine Joseph Sax. No início do século XX alguns compositores escreveram solos para saxofone e orquestra, como Claude Debussy e Heitor Villa Lobos. O instrumento é utilizado geralmente em orquestras ou bandas militares, isto é, em espaços que fazem dele um instrumento elitista, extremamente sofisticado, como nos teatros, por exemplo. Juliano estava encantado com as aulas de saxofone, porém precisou lidar também com a resistência do próprio grupo que comandava, uma vez que o som do instrumento poderia chamar a atenção, principalmente da polícia.

Em contra ponto, podemos fazer referência, como veremos em outro momento, aos instrumentos utilizados pela banda Olodum durante a gravação do clipe de Michael Jackson no morro Dona Marta. Os instrumentos usados pela banda são surdos e tambores, que aparecem na história como instrumentos utilizados por índios e escravos negros em festividades religiosas e manifestações de capoeira. Diante disso, podemos observar que há

um distanciamento entre a origem desses instrumentos, e mais ainda do lugar social ao qual cada um pertence, o que causa certo estranhamento quando essas “extremidades” são rompidas.

Ao assumir a liderança do morro Juliano VP passou a ser admirado pelos jovens da comunidade pela forma pacífica com que agia em algumas situações em que se esperava um determinado comportamento para um traficante, como podemos observar no excerto a seguir: “- Juliano é um gênio, mãe. Sem dá um único tiro, é o novo dono da Santa Marta – disse Rebelde” (Barcellos, 2004, p.314). O morro em dias de confronto entre os grupos de favelas rivais ou entre a polícia e os traficantes se tornava um cenário de guerra, com um grande número de armas e pessoas feridas ou mortas. Juliano conseguiu, sem usar a violência, se tornar o dono do morro, o que lhe rendeu a admiração e respeito, principalmente dos mais jovens.

Nos primeiros meses de poder, Juliano já havia mostrado que gostava de interferir na vida de todo mundo. Tinha convocado reuniões com os dirigentes da Associação de Moradores e com as lideranças do samba, do funk, do futebol, das igrejas. Ainda era muito temido por causa da matança dos tempos em que dividia a gerência com Claudinho e Raimundinho. Preocupado em mudar a sua imagem, vinha fazendo o papel de juiz e de conselheiro das famílias em crise. Quase sempre era chamado para resolver os conflitos (BARCELLOS, 2004, p.320).

A posição-sujeito que define uma identidade para Juliano explicita a sua preocupação em promover mudanças sociais na favela, bem como reparar a sua imagem diante daqueles que ainda o temiam. No enunciado “mudar a sua imagem” podemos observar um imaginário cultural em que o criminoso é por natureza uma pessoa má, o que autoriza e justifica qualquer tipo de punição que seja dada a ele. Ademais podemos identificar no sujeito discursivo um comportamento estratégico, que pode ser observado no âmbito político, por exemplo, o de se fazer presente nos mais diversos espaços e grupos, no intuito, neste caso, de restaurar a autoimagem.

No fragmento seguinte, Juliano apresentava em seu discurso um forte apelo social, utilizando argumentos para questionar a desvalorização da mão de obra no mercado formal de trabalho e ressaltar que ele, enquanto bandido, pagava melhor.

Nos dias de pagamento eles eram obrigados a ouvir os discursos de Juliano, que costumava comparar o menor valor pago aos homens na boca com o salário mínimo dos trabalhadores do Brasil.

— Aí, rapaziada. Os putos dos patrão da cidade só qué pagá menos de cem. E eu, que sô bandido, consigo pagá trezentos! Ou eu sô otário ou esses patrão são um bando de filho da puta, é ou não é? (BARCELLOS, 2004, p.330).

Podemos observar no discurso de Juliano, em especial no enunciado “E eu, que sô bandido, consigo pagá trezentos!” uma estratégia de argumentação em que ele, dono do morro, e a partir da relação de poder entre ele e os que trabalhavam na boca, intenciona não só fazer diferente dos “patrão da cidade”, mas, também, por meio de um salário melhor e de todos os benefícios que proporciona para a comunidade, manter-se no poder. A argumentação tem o seu lugar no discurso e é intencionada e direcionada pelo sujeito dentro de um processo de subjetivação, as posições-sujeito constituem-se, então, em consequência do jogo argumentativo.

Pelo seu posicionamento ativista, Juliano era bastante criticado pelo Comando Vermelho, organização da qual fazia parte. Passou a ser apelidado de poeta, apelido que emitia um sentido pejorativo. Acreditavam que ele era um bandido que não usava a violência, matava pouco e propagava ideias estranhas. Mas esse mesmo comportamento foi motivo pelo qual ele passou a ter um contato bastante próximo com intelectuais, políticos, escritores, músicos, entre outras personalidades do meio artístico, com o desejo utópico, como muitos consideravam, de modificar o sistema do tráfico e da violência no morro para salvar vidas. Esse comportamento evidencia as relações de poder entre o sujeito Juliano e os demais companheiros do CV, por exemplo, em que o “bandido favelado” deve exercer um outro papel, daquele que mata, promove a violência e lucra com isso, nesse sentido, podemos vislumbrar um ato de resistência por parte dele.

Juliano tencionava um diálogo entre o morro e a cidade para discutir a questão da violência na cidade, para tanto buscou contato com diversos governantes, mas não teve êxito. Numa troca de favores, ele permitiu que um produtor gravasse o seu documentário no Dona Marta. Viu na gravação, da qual participou, uma oportunidade de iniciar um possível debate do qual tanto sonhava.

Juliano ainda apelou para o superior deles, governador Marcelo Allencar. Na carta escrita ao governador, se apresentava como uma liderança do tráfico e o convidava para uma reunião, na qual pretendia expor suas idéias para reduzir a violência do Rio de Janeiro [...] Usou nas gravações um boné idêntico ao de Che Guevara e falou durante duas horas, de frente para a câmera, sobre a sua visão sociológica do tráfico na favela. A entrevista não foi usada no documentário. A ajuda mútua marcaria o início de uma amizade incomum, entre o chefe do tráfico da Santa Marta e o cineasta de São Conrado, filho de uma família tradicional e rica, dona do Unibanco, o

terceiro maior banco privado do país no final do século XX (BARCELLOS, 2004, p.411).

Os enunciados “reduzir a violência” e “visão sociológica” remetem a um lugar discursivo que constrói a imagem de um sujeito criminoso capaz de atos de justiça e fraternidade; ao reduzir a violência, ele procura minimizar os efeitos da guerra do tráfico no morro e passar aos jovens a ideia de igualdade social. O termo “amizade incomum” reafirma o discurso de que um traficante não poderia ser amigo de um cineasta, filho de banqueiro, a amizade causa estranhamento como não sendo algo comum devido ao distanciamento de realidades em que ambos vivem.

O fragmento acima marca uma incessante busca de Juliano para ser ouvido pelas autoridades como um representante da comunidade. Ao ser convocado para depor na CPI do narcotráfico, após três dias de reclusão, ele viu também nesse acontecimento uma oportunidade de expor os seus ideais. Foi levado para Brasília para depor no Congresso Nacional, que precisou abrir uma exceção em relação à exigência do traje social, pois Juliano que saiu da prisão algemado, vestia camiseta, bermuda e tênis. Esse momento deixou Juliano nervoso, mas ao mesmo tempo emocionado por ser o primeiro membro do CV a falar no Congresso e, assim como no episódio da visita de Michael Jackson, viu nesse acontecimento a oportunidade de estabelecer um possível diálogo entre as autoridades e os líderes do tráfico.

Já no plenário, para se acalmar enquanto aguardava o início do interrogatório, Juliano cantou a música de sucesso de sua banda preferida, a Legião Urbana. Estava emocionado, tenso e ao mesmo tempo orgulhoso por ser o primeiro integrante do Comando Vermelho a falar no Congresso Nacional [...] Encarava a convocação como uma grande oportunidade, a maior que já tivera na vida, para convencer as pessoas de que os traficantes também deveriam ser ouvidos em um futuro debate público que buscasse soluções para os problemas sociais geradores de violência do Brasil (BARCELLOS, 2004, p.532-533).

Esse é um momento simbólico que marca a vida de Juliano, tornando-o ainda mais conhecido e despertando a admiração das pessoas diante de um traficante que aparece nas mídias, dá entrevistas e procura, por meio de um discurso social, convencer os deputados do seu real interesse em um diálogo para debater medidas e redução da violência no Rio de Janeiro. O enunciado “traficantes também deveriam ser ouvidos” revela que eles permanecem no lugar discursivo do silêncio, em que, como tantos outros, tem cerceado o direito à fala, isto é, a interdição da palavra como uma forma de censura.

Juliano acompanhou seu nome em diversos noticiários e mesmo recluso não deixou de se comunicar com amigos e repórteres, e apesar da sua frustração por não alcançar o seu objetivo, continuou dando entrevistas e falando das suas convicções. Ele desejava deixar a vida no tráfico e continuava reivindicando pelo direito de estudar.

Reivindicava o direito de ser transferido de Bangu para uma cadeia onde pudesse estudar Filosofia e Direito. Falava em aprender um pouco mais sobre a alma humana e também se capacitar para um dia cuidar ele próprio de sua defesa nos processos que ainda tramitavam fora e dentro da cadeia (BARCELLOS, 2004, p536).

Podemos observar no excerto acima que, mais uma vez, Juliano rompe um paradigma. O desejo de um traficante de estudar filosofia e direito estabelece uma relação com o seu desejo de conhecer a “alma humana”, ele acredita que é por meio dos estudos que ele conseguirá conhecer o outro, além de revelar um ato de resistência em que Juliano, mesmo recluso, reivindica o direito de estudar, podemos então a partir disso, observar as relações de poder que o constituem.

A seguir traremos dois acontecimentos muito importantes na obra, em que Juliano VP assume posições-sujeito por meio das quais nos é possível analisar a sua constituição enquanto um sujeito discursivo. Esses acontecimentos são a entrevista dada por ele a três repórteres que, assim como outros jornalistas e intelectuais, se interessaram pela maneira abusada com que Juliano liderava o morro e lidava com situações que não faziam parte, até então, da rotina de um traficante. Outro episódio marcante e que merece uma atenção especial para a análise que propomos é a ida de Michael Jackson ao morro Dona Marta para a gravação do seu videoclipe. Poderemos observar que há uma relação entre esses acontecimentos, que a posição-sujeito assumida em ambos define uma identidade para Juliano VP, daquele que é responsável por denunciar a forma precária em que vivem e os efeitos da guerra no morro.

3.1.1 - A entrevista no morro

A entrevista que Juliano deu aos jornalistas foi um acontecimento discursivo em que o sujeito enunciativo revela um posicionamento divergente do que se esperava. O motivo da entrevista era a maneira curiosa com que um traficante se expunha e a percepção que tinha para as oportunidades de fazer denúncia social. Durante um tempo os jornalistas o procuraram para uma entrevista sobre a polêmica que envolvia a segurança de Michael Jackson ou sobre a

violência da Polícia Militar. Quando o encontraram, Juliano ainda indeciso, pois sabia que depois da entrevista poderia ser preso, propôs um acordo de que só falaria se os fotógrafos saíssem do morro e se mantivessem em sigilo o seu nome. Logo no início da entrevista Juliano surpreendeu os repórteres com o seu posicionamento em relação ao consumo de drogas. A seguir, explicitamos alguns trechos:

Não cheiro, não bebo, só fumo o mato certo [...] Sou contra a liberação das drogas. Nosso povo não está preparado. A droga não é boa, ilude e tira a personalidade das pessoas, criando ilusão. A droga anestesia a revolução social. Quem consome não consegue ver as coisas erradas do sistema porque está escravizado [...] Se eu quisesse poderia ganhar muito dinheiro com isso. Mas não quero prejudicar ainda mais as pessoas. Além disso, ia ser difícil controlar os meus homens doídões de crack (BARCELLOS, 2004, p. 343).

Criticou o pouco que ganham as pessoas da favela:

Noventa por cento das pessoas da favela ganham o salário mínimo. Ninguém consegue viver com isso. A cesta básica custa 114 reais. O tráfico funciona como inibidor dessas necessidades. Se eu não vendesse, outra pessoa ocuparia meu lugar e isto poderia ser prejudicial à comunidade. Tem um rap do grupo Racionais MC de São Paulo, que diz: 'Se afaste das drogas e das coisas fáceis. Leia livros.' É isso que eu tento passar a eles (BARCELLOS, 2004, p. 343).

Revelou o seu posicionamento em relação à venda de crack: "O crack faz muito mal. Se eu quisesse poderia ganhar muito dinheiro com isso. Mas não quero prejudicar ainda mais as pessoas. Além disso, ia ser difícil controlar os meus homens doídões de crack." (BARCELLOS, 2004, p. 343).

Explicou o funcionamento da produção, comercialização e faturamento com a venda das drogas:

Só controlo uma boca de fumo, que rende 20 mil por mês. Nenhum traficante tem tanto dinheiro como dizem. Se você perde um AR-15, o prejuízo é de 5 mil. Vendemos 10 quilos de maconha e três de cocaína por mês. O papelote de cocaína sai por 5 reais e a trouxinha de maconha por 3 reais. Não me envolvo com crack ou ecstasy, nem tomo conhecimento do fornecedor porque a entrega é terceirizada. A verdade é que hoje há muito mais bocas-de-fumo no asfalto do que no morro. Os bairros de Ipanema e Gávea estão infestados (BARCELLOS, 2004, p. 343).

Expôs a imagem que tem de si, agora como dono do morro:

Eu sou um cara de harmonia. Sou um profissional no meu trabalho. Eu me sinto preocupado e não poderoso. Quero paz no meu morro e não quero que ninguém venha tomá-lo. Não sou um Robin Hood, sei que faço o errado. Acho que os pobres das favelas representam hoje um novo Quilombo dos Palmares, a encarnação de Zumbi, e somos perseguidos injustamente. Quero passar a todos os jovens — do movimento ou não — a idéia de justiça social. Como sou nascido e criado no morro e ajudo os mais necessitados, acabo reconhecido pelo meu trabalho. Eu gosto de guerrear, mas quando é necessário. Se for preciso não posso pensar duas vezes (BARCELLOS, 2004, p. 343).

Falou sobre a ação da polícia dentro do morro:

Já o policial brasileiro não está preparado para lidar com o povo humilde. Um policial que usa farda e distintivo e ganha R\$300 por mês acaba se corrompendo. Quando alguém do morro é preso, é humilhado como um cachorro. Os policiais sempre botam droga no bolso dos suspeitos para enquadrá-los. É assim que a PM faz. Se eles não nos atacam, nós não atacamos. Se um de meus homens der um tiro de fuzil num beco qualquer da favela, varre três caras de uma vez, como eles fazem. O tráfico mata entre si. Mas a polícia mata antes para quebrar a nossa hierarquia. A guerra do pó, no Rio, mata mais gente que a guerra da Bósnia (BARCELLOS, 2004, p.344).

Expressou a sua religiosidade: “Já levei oito tiros de fuzil. Não posso ter medo de morrer. Sou católico, acredito em Deus. Li a Bíblia, mas não gostei. A Bíblia mistifica um pensamento que segurou o povo por séculos” (BARCELLOS, 2004, p.344).

Manifestou-se sobre a sua participação no Comando Vermelho:

Nossa diferença é que sabemos distinguir o certo do errado. O certo é o certo, nunca o errado ou o duvidoso. Somos normais como qualquer outra pessoa. Eu sempre admirei o Orlando Jogador, que foi um bandido correto dentro do CV. Ele nunca traiu sua gente. Era exemplar. Estivemos presos juntos. Acho que o crime organizado precisa cultivar mais o respeito e menos o poder. O Comando Vermelho é uma filosofia dentro da vida errada. Ele deveria se unir ainda mais, para melhorar a vida nos morros e nas penitenciárias. Temos que parar com essa história de irmão matar irmão. A idéia é fazer reinar nos morros paz, justiça e liberdade.

Pronunciou-se sobre a gestão de Leonel Brizola, quando governador do Rio e, também, sobre a política de segurança do então governador, Marcello Alencar, respectivamente:

O Brizola foi um ótimo líder para as comunidades carentes. Ele visou às favelas e não ao tráfico. O Brizola é um estadista perfeito, que jamais teve envolvimento com traficante [...] É a política do extermínio e da discriminação, igual à da Rota de São Paulo. Na favela, a polícia não separa

quem é bandido de quem é trabalhador. Com isso morre muita gente que não tem nada a ver com tráfico (BARCELLOS, 2004, p. 345).

Fez uma crítica ferrenha aos que moram fora do morro e não conhecem a realidade da comunidade:

Os jornalistas são abutres. Não podem ver carniça. Se os que pudessem ajudar as comunidades carentes dessem um minuto de suas vidas para isso, não existiria o tráfico. Nós somos como uma doença dentro de um corpo. O tráfico é uma saída para nós. Quem não tem dinheiro para comprar um tênis, uma roupa e tem sangue na veia acaba entrando nessa vida. Quando os governantes se conscientizarem das desigualdades sociais talvez não exista mais o tráfico. Mas os intelectuais continuam só pensando, os políticos, roubando e a sociedade inteligente sempre em silêncio (BARCELLOS, 2004, p.345).

Juliano finaliza a entrevista falando da sua intenção em confeccionar as camisetas com o nome dos 23 jovens, amigos de infância, mortos na guerra do tráfico e entregá-las ao diretor de cinema Spike Lee que iria dirigir o clipe de Michael Jackson.

Todos esses 23 meninos tinham entre 14 e 18 anos e foram mortos pela polícia e não foi em confronto. Foi extermínio, só morreu gente do nosso lado. Vou entregar a camiseta com o nome deles ao Spike Lee para mostrar ao mundo a matança indiscriminada de nossa comunidade e que a violência impera em nosso país (BARCELLOS, 2004,p.346).

A partir das respostas de Juliano, podemos identificar que a sua subjetividade é constituída a partir de dois pontos, a consciência social que demonstra por meio da preocupação com o outro, em que ele se constitui um sujeito pacífico e coerente, e quando a sua prática é sustentada por justificativas. Podemos observar essa relação em quase toda a entrevista, em enunciados como: “A droga não é boa, ilude e tira a personalidade das pessoas”, “ Se eu não vendesse, outra pessoa ocuparia meu lugar”, “Eu sou um cara de harmonia [...] eu me sinto preocupado e não poderoso”.

Nos enunciados “só fumo o mato certo”, “sou contra a liberação das drogas”, “a droga não é boa” e “a droga anestesia”, o sujeito criminoso se constitui racional, que considera a droga um grande mal, principalmente para a consciência social. O seu posicionamento em relação ao uso de drogas é “incompatível” com a sua prática, por esse motivo as suas declarações causaram tanto espanto e admiração em muitas pessoas. Os enunciados em questão produzem o efeito de que o mal que a droga faz à mente, deixando as pessoas

inerentes ao que está acontecendo ao seu redor se sobrepõe ao mal que ela faz à saúde, escravizando o corpo.

No excerto “noventa por cento das pessoas da favela ganham o salário mínimo. Ninguém consegue viver com isso. A cesta básica custa 114 reais. O tráfico funciona como inibidor dessas necessidades”, o sujeito enunciatador explicita que o tráfico opera como uma reorganização econômica no intuito de suprir a lacuna deixada pelo Estado, ademais, “inibir as necessidades da comunidade” faz dele um bom líder e sustenta a sua estadia no poder.

Em “se eu não vendesse, outra pessoa ocuparia meu lugar e isto poderia ser prejudicial à comunidade” e “ia ser difícil controlar os meus homens doidões de crack”, revelam uma tentativa de argumentação para justificar o seu exercício. E que, por outro lado, revelam uma forma de proteção da comunidade que ele administra. Os enunciados “ocuparia meu lugar” e “controlar” refletem uma preocupação de Juliano com uma autodefesa para se manter no lugar que agora ocupa. Ele apresenta um discurso articulado e estratégico de controle não só dos homens que compõem a sua quadrilha, mas do seu poder e imagem. Representa, em certo aspecto, um discurso político de governo e gerenciamento.

Ao falar da imagem que tem de si, agora dono do morro, o lugar ocupado pelo sujeito discursivo Juliano é do criminoso pacífico, que deseja resolver os conflitos sem usar a forma física, apenas por meio da conscientização dos jovens de um movimento em prol da valorização da comunidade. As formulações “Eu sou um cara de harmonia” e “Quero paz no meu morro” evidenciam que o sujeito enunciatador defende o diálogo para resolver os problemas, e ainda a escolha pelo pronome possessivo “meu” desvela um sentimento de propriedade e conquista o que o faz sentir a necessidade e responsabilidade governar e não permitir que sob nenhum pretexto alguém o tome.

Juliano, nos trechos seguintes, cita Quilombo dos Palmares e Zumbi para fazer uma comparação com os jovens da favela; “Acho que os pobres das favelas representam hoje um novo Quilombo dos Palmares, a encarnação de Zumbi, e somos perseguidos injustamente”.

Ao nos voltarmos para a história, verificamos que Zumbi, descendente de angolanos, foi o líder do Quilombo dos Palmares. Ainda menino foi capturado por um soldado e entregue a um padre, mas na adolescência fugiu e voltou para o quilombo tornando-se um líder e um exemplo de resistência. A analogia feita por Juliano aponta para um conhecimento prévio em que a exterioridade é um dos fatores que constitui o seu posicionamento.

Quando diz “A guerra do pó, no Rio, mata mais gente que a guerra da Bósnia”, Juliano, mais uma vez, faz uma correspondência da violência gerada pelo tráfico com a guerra que resultou em aproximadamente 200 mil vítimas. Nesse momento, o sujeito enunciatador tece

a sua crítica à dizimação de jovens envolvidos no tráfico ou não, mas que tem a morte como penalização.

O enunciado “acredito em Deus”, remete à exterioridade do sujeito que coloca a religião, ao dizer “sou católico”, como autoridade máxima e acima de qualquer medo que possa ter. O verbo “ler”, do enunciado “li a Bíblia” aparece como uma forma de sustentar o seu posicionamento. Ademais, faz uma crítica ao livro sagrado afirmando que ele mistifica um único pensamento que, do seu ponto de vista, escravizou um povo.

Ao se pronunciar sobre o Comando vermelho, Juliano afirma “somos normais”. Ao retomarmos Foucault (1995) em que ele trata das práticas divisoras como já mencionamos anteriormente, podemos observar como o sujeito é dividido em relação aos outros, e a partir disso a dualidade normal x anormal. Há então uma divisão entre aquele que é “normal”, que está dentro dos padrões e aquele que não é, e que, além de segregar, objetiva os sujeitos e os categoriza. No mesmo fragmento o enunciado “bandido correto” podemos notar uma divergência entre as duas palavras, pois, partindo do que constitui o imaginário social o bandido não pode ser correto, devido à sua prática clandestina. Por outro lado ao proferir “bandido correto”, Juliano reafirma o seu discurso humanitário e mais uma vez, é possível problematizar a oposição correto x errado.

Assim como a admiração que tem por Che Guevara, Juliano não esconde o seu respeito pelo ex-governador Rio, Lionel Brizola, como em “Brizola foi um ótimo líder para as comunidades carentes”. Brizola era um representante de esquerda, priorizava as minorias e lutava pelos direitos dos mais pobres. É possível identificar no discurso do dono do morro a representatividade de quem ele considerava um “estadista perfeito”.

Em uma de suas últimas respostas, Juliano faz uma crítica à desigualdade social e a todos os que olham o morro de fora. Ao proferir “somos como uma doença dentro de um corpo”, o sujeito enunciador ao proferir o enunciado “doença” nos remete à ideia de higienização, como já mencionamos em outro momento, em que o mal deve ser erradicado a fim de não se proliferar.

Juliano finaliza a entrevista explicando o motivo que o levou a confeccionar as camisetas com o nome dos jovens que morreram na guerra do tráfico. Ao enunciar “só morreu gente do nosso lado”, ele reafirma a polarização da sociedade em duas categorias, certo x errado, bem x mal. VP foge ao estereótipo do “bandido”, apresenta um contexto histórico ao qual atribui a representatividade dos jovens pobres e moradores da favela. No funcionamento das relações de poder podemos observar a resistência do sujeito discursivo, bem como a luta contra as formas de poder e de subjetivação que resultam na sua submissão.

O discurso problematizado na fala de Juliano revela um confronto que fragmenta a sociedade e exclui os mais fragilizados no exercício do poder. A representação da posição-sujeito do personagem e dos acontecimentos discursivos que o constitui demonstram a criminalização dos moradores da comunidade e os coloca na posição de quem merece ser penalizado, ainda que a pena exceda os crimes cometidos e recaia sobre o castigo do corpo.

É nítida a consciência social e política refletida no discurso de Juliano em todos os enunciados que relatam os acontecimentos discursivos descritos neste trabalho e por meio dessa aspiração de justiça social ele modifica o espaço em que se encontra, além de pensar a sua própria prática econômica e social.

3.1.2- *A gravação do clipe de Michael Jackson*

Entre alguns acontecimentos marcantes em *Abusado* (2004) estão a gravação de um videoclipe do cantor pop Michael Jackson, que movimentou o morro Dona Marta durante os preparativos para esse grande evento e a entrevista dada por Juliano VP a três jornalistas que subiram o morro para ouvi-lo.

A segurança de Michael Jackson foi garantida por Juliano, que viu nesse acontecimento uma grande oportunidade. A visita do astro pop daria visibilidade ao morro e os olhos do mundo se voltariam para lá. Antes disso houve uma disputa entre oito favelas e no final restaram apenas duas, a favela da Rocinha e a Santa Marta, para decidir onde aconteceria o evento. Ao perceber uma boa oportunidade de denúncia social, Juliano convenceu os seus homens da chance que teriam de mostrar ao mundo as condições miseráveis em que viviam.

Todavia, as barreiras para a realização do evento não estavam somente nessa disputa, uma vez que o governo do estado do Rio de Janeiro também se opôs ao evento.

Ao ganhar a disputa entre as favelas, Juliano não só ajudou na segurança do cantor como pacificou a favela durante a gravação que foi um momento de grande protesto.

Rebelde pintado em letras vermelhas de sangue sob o fundo preto de luto. Juliano passou uma semana desenhando o nome do amigo e de outros 23 homens da sua geração, mortos na guerra do tráfico de sua comunidade. Depois os mandou imprimir numa camiseta, uma singela peça de marketing da maior festa de todos os tempos da comunidade: as gravações de um clip de Michael Jackson na Santa Marta (BARCELLOS, 2004, p.327).

O nome da música que seria gravada foi uma motivação a mais para Juliano, “They don’t care about us” que traduzido para o português diz: “Eles não se importam com a gente”. Todos, a pedido do dono do morro se empenharam e fizeram do acontecimento um grande evento comunitário.

Esses enunciados desvelam não só o desenvolvimento de uma consciência social e identitária, mas também a representação de um jogo de forças que constitui esses sujeitos a partir das relações de poder e dos processos de subjetivação dos mesmos. Sabendo que o sujeito torna-se um objeto de governo, mas que há a possibilidade de resistir, podemos notar atos de resistência nas ações de Juliano contra o sistema e contra o próprio grupo mutuamente.

3.2- O espaço e a constituição do sujeito

Em uma narrativa, o espaço assim como o tempo são elementos que caracterizam um discurso, e de certa forma o constituem. Dessa forma o espaço tem uma grande representatividade no enredo de uma determinada obra ou romance, isto porque quase tudo se configura espaço, desde um objeto até o próprio espaço que ele ocupa.

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, a localização desses mesmos objetos [...] Ao analisarmos um espaço qualquer [...] não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador (BORGES FILHO, 2007, p.17).

Partindo da observação da significação do espaço e do fato de ele estar sempre ligado a constituição do sujeito, buscaremos compreender como um determinado espaço influencia os sujeitos, bem como os constitui enquanto sujeitos, e quais efeitos de sentido podem emergir dele. Para tanto nos voltaremos para uma análise do espaço favela e de como ela constitui os sujeitos “favelados” que nela residem.

Como dito anteriormente, o espaço analisado neste excerto é o espaço “favela”, para pensarmos a sua representatividade negativa na sociedade e de que forma ela institui sujeitos estigmatizados. Essa abordagem será de fundamental importância para compreendermos como esse espaço se configura e é evidenciado nos outros espaços, inclusive na mídia, além de observar as relações saber/poder que permeiam nos discursos acerca dessa temática.

Um aspecto importante a ser lembrado é a localização geográfica desses espaços nos grandes centros urbanos. Sobre as coordenadas espaciais podemos observar a relação

perto/longe e principalmente centro/periferia. Essas relações de oposição, em especial a de centralidade, ilustram a estigmatização dos morros onde geralmente se localizam as favelas. O fato de esses lugares se encontrarem distantes do centro, nas periferias das cidades, atribui a eles denotações negativas. Dessa forma, podemos notar uma divisão da cidade que reflete na polarização, também da sociedade. A bipolaridade é uma característica da mente humana. “Há uma tendência, verificada na história da humanidade, de o homem polarizar sua compreensão do mundo” (BORGES FILHO, 2007, p.58). Assim, as coordenadas espaciais apresentam diversos sentidos propostos pelo próprio texto.

Na teoria de Foucault, a relação saber/poder determina o que esse sujeito pode ou deve falar e/ou fazer em um determinado espaço. Os mecanismos de saber permitem que no desenvolvimento dos grandes centros urbanos ocorram políticas de domínio como efeitos dessa expansão.

A partir dos mecanismos de saber (estatística, demografia, sociologia) que permitiram a constatação de certos efeitos provocados pela vida em sociedade, principalmente no contexto do surgimento das grandes cidades, os centros de poder administrativo tomaram a seu cargo a tarefa de construir políticas de intervenção com o objetivo de controlar e regular esses efeitos. Tais são os problemas referentes à higienização das cidades via políticas sanitárias; organização dos espaços, construção de vias públicas de acesso [...] esses problemas decorrentes do convívio intensificado em espaço urbanos geram ao Estado uma demanda de ação cujo resultado é a criação de políticas de regulamentação (FONSECA, 2012, p.83).

Partindo das considerações acima, podemos observar a contraposição nos espaços da cidade, bem como o controle, por meio do poder, da sociedade e da expansão desses espaços.

A seguir faremos algumas flexões sobre a multiplicidade de sentidos que circulam sobre o espaço do qual falamos e como os sujeitos são instituídos a partir dele, observando a relação que há entre o próprio sujeito e lugar que ele ocupa.

Em *Abusado* (2004), Barcellos descreve em vários momentos de que forma o espaço “favela” constitui o sujeito “criminoso”.

Uma das maiores dificuldades dos moradores de uma comunidade é a aquisição de um emprego no mercado de trabalho formal. Para o garoto Nein, que já tinha os irmãos no tráfico, a função de entregador de remédios de uma farmácia foi a sua única experiência profissional. Neste trabalho ganhava cerca de 30 dólares mensais, valor irrisório que não era capaz de suprir as suas próprias necessidades e as da mãe, com quem morava. Sobre a sua busca por um emprego no mercado formal de trabalho, Barcellos (2004, p.206) descreve que:

Naquele ano de 1991, Nein estava batalhando uma vaga em duas das maiores empresas de Botafogo, ambas estatais. Em uma delas, na Furnas Centrais Elétricas, chegou a se candidatar a uma vaga de auxiliar de escritório. Ele disse para a mãe que fora reprovado por ter tirado nota baixa no índice moradia. – Quando eu respondi na entrevista que era favelado, fudeu, aí.

Essa passagem nos desvela o que pode significar a representação do espaço favela, que tira o direito dos moradores de ter um emprego formal e os condicionam a seguir o caminho já instituído a eles. A tentativa do personagem Nein por uma vaga na empresa que desejava foi frustrada e ele decidiu seguir o caminho dos irmãos.

Podemos observar nesse acontecimento a constituição do sujeito criminoso pela relação já instaurada com o espaço que ocupa. Além disso, podemos constatar um processo de exclusão e de distanciamento de um emprego formal por conta do histórico social e do índice moradia.

Na passagem de Michael Jackson pelo Dona Marta, Juliano cuidou da segurança do cantor e manteve a favela pacificada durante o evento, convenceu os seus companheiros de que essa era uma grande chance de expor a situação em que se encontravam. Porém, não teve resistência somente por parte dos companheiros do seu grupo, mas também por parte do governo do estado do Rio de Janeiro.

Dias antes das gravações, a vinda de Jackson ao Brasil ainda não estava confirmada devido à polêmica diplomática gerada pelo clipe. O então secretário estadual de Comércio e Turismo do Rio de Janeiro, Ronaldo César Coelho, e o ministro dos Esportes da época, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, promoviam uma campanha contra a gravação do clipe na favela. Alegavam que a exposição da pobreza dos morros brasileiros era negativa para a imagem do país no exterior (BARCELLOS, 2004, p.328).

Juliano então “usou o sistema de alto-falantes da Associação de Moradores para protestar contra a posição das autoridades” (2004, p.328).

O enunciado em destaque não só evidencia a significação da favela para a imagem da cidade, como revela um jogo de forças onde se estabelecem as relações de poder entre esses sujeitos e as relações saber/poder que autorizam os discursos proferidos. Contudo podemos observar a representação desses espaços periféricos no imaginário social.

É evidente a existência de uma relação entre o personagem e o espaço que ele ocupa, bem como, as diversas configurações e sentidos que o integram. Podemos observar nos dois

enunciados abordados a caracterização e constituição dos sujeitos por meio do espaço, são sujeitos que circulam sempre nos mesmos espaços marginais e que permanecem na exclusão.

A contraposição entre os espaços periferia/centro fica bastante clara nos acontecimentos em que há uma divisão entre dois lados, regida pela relação saber/poder que possibilita ao sujeito do saber o controle por meio da interdição das palavras e ações.

Em suma, a representação da favela que emerge da relação sujeito/espaço sofre deslocamentos de sentido e o sujeito não só é constituído pelo espaço, mas também o modifica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo nos voltamos para a constituição discursiva de Juliano VP, personagem principal da obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta* (2004), de Caco Barcellos. No início da nossa pesquisa partimos da hipótese de que a constituição da subjetividade de Juliano nasce da relação que ele tinha com o morro Dona Marta, com o espaço favela e com a comunidade, e que, o discurso de “Abusado” dá descontinuidade aos discursos já instaurados sobre o sujeito criminoso (traficante) e as suas ações. Atentamos para algumas reflexões sobre o papel da mídia na construção desses discursos acerca do sujeito bandido.

Para atingirmos os objetivos propostos, os quais pretendiam analisar a constituição da subjetividade do sujeito Juliano VP, bem como, compreender de que modo as relações de poder são instituídas na obra, a fim de mostrar como os discursos que constituem esses sujeitos em *Abusado* (2004) são divergentes dos que compõem o imaginário social e que contribuem diretamente para a desumanização dos mesmos, fizemos a análise dos enunciados recortados da obra em que pudemos a produção de sentidos e a objetivação de Juliano, como um traficante que fugia do padrão apresentando um comportamento pacífico, racional e não tão violento quanto o esperado.

A conduta incomum de Juliano VP foi uma instigação para realização desse trabalho, isso porque ele apresenta em seu discurso humanitário o desejo de mudança para si e para os seus, tencionava que os jovens da comunidade tivessem oportunidades diferentes das que eram oferecidas até então.

Algumas problematizações acerca das questões voltadas para a marginalidade foram possíveis devido à explanação sobre a espetacularização dos noticiários sobre esses acontecimentos. A nossa análise sobre a constituição da identidade de Juliano possibilitou que pudéssemos observar alguns pontos sobre a criminalidade ilustrados na obra, como a relação sujeito/espço, em que o morador de uma favela, negro e pobre, na maioria das vezes, assume a posição-sujeito bandido em outros espaços, e ainda, que os discursos que fazem funcionar outros sentidos sobre o crime e a violência, revelam uma regularidade discursiva no seu funcionamento que atestam a identidade de pacífico a Juliano. Essas constatações rompem com as verdades internalizadas sobre essa temática, em que o sujeito bandido é sempre frio e cruel.

Para tanto, no primeiro capítulo procuramos fazer um delineamento teórico dos fundamentos de Michel Foucault, os quais foram mobilizados no desenvolvimento das nossas

análises, apresentamos a nossa proposta de pesquisa e, ainda, procuramos estabelecer uma relação entre a espetacularização dos acontecimentos criminosos por parte da mídia e a produção de sentidos sobre o sujeito criminoso, a fim de salientar a contraposição entre os sentidos produzidos pelos enunciados de *Abusado* (2004) e sentidos outros.

No segundo capítulo abordamos as considerações de Michel Foucault sobre o poder. Para isso, nos apoiamos em *Vigiar e Punir* (2013) para observarmos o delineamento histórico das práticas de justiça e como se dá a disciplinarização e objetivação do corpo.

No terceiro e último capítulo, realizamos a análise dos enunciados, por meio dos quais pudemos investigar os processos de subjetivação do sujeito discursivo Juliano VP. Acontecimentos como a entrevista dada por ele no morro e a gravação do clipe de Michael Jackson foram importantes para atentarmos as tomas de posições-sujeito de ativista social e como isso produz sentidos incomuns para o sujeito criminoso. Além disso, nos voltamos, também, para a relação sujeito/espço.

Ademais foi possível vislumbrar, através do funcionamento discursivo, a desconstrução dos sentidos já apropriados aos sujeitos moradores da Santa Marta, as relações de poder que constituem esses sujeitos e como se estabelecem por meio dessas relações o ato de resistência, próprio do jogo de poder.

Abusado: O dono do morro Dona Marta (2004) é uma obra representativa, mesmo que adversa, de um comportamento social em que podemos observar como os dispositivos de poder, principalmente midiáticos, constituem a identidade do sujeito traficante no corpo social, e como se dá o seu processo de subjetivação, não só pelos delitos pelos quais é responsabilizado, mas por diversos outros fatores que o constitui como tal.

Pensamos ter atingido os objetivos propostos logo no início do nosso trabalho, identificando os discursos acerca da criminalidade, não só o que pode ser observado em *Abusado* (2004), mas, também, aqueles produzidos e veiculados pelos noticiários midiáticos. Analisamos e distinguimos a construção e desconstrução de sentidos produzidos atribuídos ao sujeito bandido.

Considerando a inquietação de Juliano em relação ao que estava imposto a um jovem de periferia, negro e de baixa renda, notamos emergir em seu discurso outras vozes que refletem um forte discurso social, por meio do qual, surgem enunciados que direcionam para a produção de uma subjetividade diversa ao que é imposto, devido a naturalização da criminalização dos pobres e “favelados”.

Como pudemos considerar durante nosso estudo, *Abusado* (2004) apresenta um discurso diferenciado sobre a temática da violência por conta das guerras do tráfico no Rio de

Janeiro. Mesmo caracterizado como um livro-reportagem, ele se diferencia de outros meios jornalísticos, apresentando enunciados e acontecimentos, geralmente cortinados, mas que compõem o contexto do noticiário. Ao procurar mostrar os entremeios da quadrilha chefiada por Juliano VP, o jornalista dá visibilidade a toda uma comunidade que admira, apoia e acredita no dono do morro. Durante a sua trajetória, VP protagonizou acontecimentos que alimentaram nele essa consciência social e a vontade de mudar a sua própria história e a história do seu povo.

REFERÊNCIAS

Corpus Literário

BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Obras de Apoio Histórico-Crítico

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980.

ASSUNÇÃO, Karina Luiza de Freitas. *O sujeito, a subjetividade e a verdade em José Saramago*. São Paulo: Intermeios, 2017.

ALVES, José Augusto Lindgren. A desumanização do humano. In: _____. *Os direitos humanos na pós-modernidade*. Perspectiva: São Paulo: 2005. p. 01-19.

BORGES FILHO, Ozíres. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.31-119.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias*. 2. ed. São Paulo: Claraluz, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FONSECA, João Paulo Ayub. *Normalização e bio-poder na obra de Michel Foucault*. Theoria. 2012, V. 4, Nº 11, p. 75-90. Disponível em: http://www.theoria.com.br/edicao11/normalizacao_e_biopoder_na_obra_de_michel_foucault.pdf Acesso em: 21 ago. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema /Michel Foucault, organização e seleção de textos. Manoel Barros da Motta, tradução, Inês Autran Dourado Barbosa. – 2ed. – Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009. (Ditos e escritos, III).*

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. E RABINOW, Paul. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: _____. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagem, 1992c. p. 89-128.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários*. GREGOLIN, Maria do Rosário (org). *Discurso e Mídia, a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, R. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

MAROCCO, Beatriz. *Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da Mídia. In:_____. TASSO, Ismara. *Estudos do Texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 59-74
<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/dia-consciencia-negra-heroi-chamado-zumbi.htm>
Acesso em: 25 de julho 2019

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni. RODRIGUES, Felipe. *Desvelamento nos morros cariocas: novos sentidos discursivos em livros-reportagem*. Via Litterae, v. 2, n. 2, p. 401-415, 2010. Disponível em: http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/v1_v2_v2/716desvelando_os_morros_cariocaslivros_reportagem_FELIPE_RODRIGUESeni_ORLANDI.pdf . Acesso em: 17 ago. 2016.

ORLANDI, Eni. *Deontologia marginal : dando voz ao “outro” presente nos morros cariocas*. Entretextos, Londrina, v. 10, n. 1, p. 140-155, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index/php/entretextos/article/view/5491>. Acesso em: 17 ago. 2016.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2006.
 RAMOS, Fabiana Pinheiro. *Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso*. Estudos de psicologia, v. 8, n. 3, p. 492-497, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19971.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

SARGENTINI, Vanice. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In:_____. SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades*. São Carlos: Claraluz, 2004, p 77-96.

Notícias em meios eletrônicos

Breve história do saxofone. <http://www.falamedemusica.net/Saxophone.php?lang=pt/>. Acesso em 05 de jun. 2019.

FILHO, Aziz. Pelé critica opção de mostrar ‘coisas ruins’. *Folha de S. Paulo*. 1996. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/09/cotidiano/22.html> . Acesso em: 21 nov. 2017.

FILHO, Francisco Alves. Final Previsível. *IstoÉ*. 2003. Disponível em: https://istoe.com.br/12952_FINAL+PREVISIVEL/ . Acesso em: 21 nov. 2017.

GASPARETO JÚNIOR, Antonio. Leonel Brizola. *InfoEscola*. 2004. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/leonel-brizola/>. Acesso em: 10 de julho 2019.

GOMES, Marcelo. *Marcinho VP: em vez de modelo e poeta, chefe do tráfico do Dona Marta*. 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policial/bau-do-crime/marcinho-vp-em-vez-de-modelo-poeta-chefe-do-trafico-do-dona-marta-400181.html>. Acesso em: 21 nov. 2017.

RODRIGUES, Ana Carolina. Quem Foi Che Guevara?. *Super Interessante*. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-che-guevara/>. Acesso em: 05 de jun. 2019.

Santa Marta: Duas Semanas no Morro. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-fMPgm40ZpM>. Acesso em: 12 abr. 2019.